

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Trajetórias turbinadas: análise dos discursos e práticas de aprimoramento
cognitivo farmacológico no ensino superior**

CAMILA RIBEIRO DA SILVA

MANAUS/AM

2023

CAMILA RIBEIRO DA SILVA

**Trajetórias turbinadas: análise dos discursos e práticas de aprimoramento
cognitivo farmacológico no ensino superior**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Psicologia como parte dos requisitos
para obtenção do título de Mestra em
Psicologia na Linha de Pesquisa
Processos Psicossociais.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz
Machado das Neves.

Auxílio Financeiro: Bolsa
FAPEAM.

MANAUS/AM

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586t Silva, Camila Ribeiro da
Trajetórias turbinadas : análise dos discursos e práticas de
aprimoramento cognitivo farmacológico no ensino superior / Camila
Ribeiro da Silva . 2023
75 f.: 31 cm.

Orientador: André Luiz Machado das Neves
Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. aprimoramento cognitivo. 2. desempenho. 3. processo
formativo. 4. saúde mental. I. Neves, André Luiz Machado das. II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

FOLHA DE APROVAÇÃO

CAMILA RIBEIRO DA SILVA

Trajetórias turbinadas: análise dos discursos e práticas de aprimoramento cognitivo farmacológico no ensino superior

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Psicologia na Linha de Pesquisa Processos Psicossociais.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Machado das Neves.

Auxílio Financeiro: Bolsa FAPEAM.

Aprovada em: __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Luiz Machado das Neves – Orientador

Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Profa. Dra. Gisele Cristina Resende - Avaliador interno

Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Profa. Dra. Érica Vidal Rotondano- Avaliador externo

Universidade do Estado do Amazonas - UEA

DEDICATÓRIA

À minha mãe, minha estrela guia.

AGRADECIMENTO

À minha mãe, Iolete, por ser meu apoio em todos os momentos da minha vida.

À minha família, por todo carinho, incentivo e acolhimento.

Ao André Machado, por possibilitar a realização dessa pesquisa.

Ao queridos do Laboratório de Desenvolvimento Humano e Educação/LADHU, por compartilharem afetos e conhecimentos ao longo de tantos anos.

À minha turma do mestrado, por compartilhar tantos conhecimentos ao longo das aulas e pelo companheirismo.

À Ana Cristina Fernandes Martins, por orientar o meu primeiro PIBIC voltado para o tema da medicalização e por todo carinho ao longo dessa jornada.

À Gisele Resende, pelo acolhimento e carinho ao longo processo.

À FAPEAM pelo financiamento com bolsa ao longo da pesquisa.

EPÍGRAFE

Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape.

Que fazer, exausto,
em país bloqueado,
enlace de noite
raiz e minério?

Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)
presto se desata:

em verde, sozinha,
antieuclidiana,
uma orquídea forma-se.

(Drummond)

RESUMO

O presente estudo buscou compreender como e quais mecanismos de aprimoramento cognitivo farmacológico ou não-farmacológico, os estudantes de medicina da Ufam utilizam visando melhorar o desempenho nos estudos. O aprimoramento cognitivo visa melhorar o desempenho cognitivo com fins acadêmicos. Ao decorrer das entrevistas, surgiram temáticas que auxiliaram a construção do trabalho como um todo. O fenômeno do aprimoramento cognitivo se relaciona aqui com o processo formativo desses estudantes, a relação professor-aluno, bem como o adoecimento psíquico gerado pela formação médica em alguns estudantes. A cobrança e autocobrança, a estrutura e a dinâmica que são estruturadas as disciplinas, as metodologias e os ideais de produtividades estão diretamente ligados aos ideais do neoliberalismo na educação como um todo, incluindo o ensino superior. Esta dissertação faz parte de uma pesquisa maior, realizada no âmbito do Programa de Cooperação Acadêmica – Amazônia, que estuda as vivências sociais e educacionais dos estudantes amazônidas. A pesquisa foi realizada através de uma abordagem qualitativa, utilizou a perspectiva construtivo-interpretativa apresentada por González Rey (2002), visando enriquecer a análise dos dados por meio da conversação de forma dinâmica para construção dos resultados e suas respectivas categorias. Os resultados indicaram que, com base, nas entrevistas, a principal estratégia citada pelos estudantes é o consumo de energético, principalmente nos dias que antecedem provas ou apresentação em seminários. Em segundo lugar, a cafeína – substância que já está inserida no cotidiano dos estudantes – e que é consumida rotineiramente, mas que relatam não sentir mais efeito “para ficar acordado”, como citaram alguns entrevistados. Em último lugar, o consumo de metilfenidato aparece por apenas um estudante. Outro dado encontrado se relaciona aos ideais de desempenho e de sucesso que os estudantes apresentam em seu discurso. As falas apontam para uma visão de que eles não estudam o suficiente, que precisam ficar sem dormir para conseguir integralizar todos os conteúdos apresentados pelos docentes e que serão cobrados em provas avaliativas. Uma questão que vale a pena destacar é que todos os entrevistados apontam a saúde mental como uma temática latente em sua vida acadêmica. Outro dado presente na pesquisa é a importância da formação de professores na formação médica, pois todos os entrevistados relataram que há uma lacuna na didática de alguns docentes e seus métodos de ensino e que isso impacta diretamente na assimilação do conteúdo e no seu desempenho na disciplina. A partir do exposto, considera-se importante pensar a importância da formação de professores na formação médica, pensando em enriquecer o processo formativo dos discentes, otimizando o cotidiano acadêmico. Além disso, a saúde mental dos discentes precisa ser assistida, pensando que a permanência no curso não deve produzir processos de adoecimento e sofrimento, como foi citado pelos estudantes.

Palavras-chave: aprimoramento cognitivo; desempenho; processo formativo; saúde mental.

ABSTRACT

The present study sought to understand how and which mechanisms of pharmacological or non-pharmacological cognitive enhancement medical students at Ufam use to improve their performance in their studies. Cognitive enhancement aims to improve cognitive performance for academic purposes. Throughout the interviews, themes emerged that helped construct the paper as a whole. The phenomenon of cognitive enhancement is related here to the educational process of these students, the teacher-student relationship, as well as the psychological illness generated by medical training in some students. The charge and self-charge, the structure and dynamics that the disciplines are structured, the methodologies and the ideas of productivity are directly linked to the ideals of neoliberalism in education as a whole, including higher education. This dissertation is part of a larger research project carried out under the Amazon Academic Cooperation Program, which studies the social and educational experiences of Amazonian students. The research was conducted through a qualitative approach, used the constructive-interpretative perspective presented by González Rey (2002), aiming to enrich the analysis of the data through conversation in a dynamic way to construct the results and their respective categories. The results indicated that, based on the interviews, the main strategy mentioned by the students is the consumption of energy drinks, especially in the days before exams or seminar presentations. In second place, caffeine - a substance that is already part of the students' daily life - and which is consumed routinely, but which they say they no longer feel the effect "to stay awake", as some interviewees mentioned. In last place, the consumption of methylphenidate was mentioned by only one student. Another fact found is related to the ideals of performance and success that the students present in their speech. The statements point to a view that they do not study enough, that they need to stay up all night to be able to complete all the contents presented by the teachers and that they will be required to do in exams. One issue worth mentioning is that all the interviewees mentioned mental health as a latent theme in their academic life. Another fact present in the survey is the importance of teacher training in medical education, because all interviewees reported that there is a gap in the didactics of some teachers and their teaching methods, and that this directly impacts the assimilation of content and their performance in the discipline. From the above, it is considered important to think about the importance of teacher training in medical education, thinking about enriching the formative process of students, optimizing the academic routine. In addition, the mental health of the students needs to be assisted, thinking that staying in the course should not produce processes of illness and suffering, as was mentioned by the students.

Key-words: cognitive enhancement; performance; formative process; mental health.

LISTA DE SIGLAS

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

PROCAD – Programa de Cooperação Acadêmica

TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

TOD - Transtorno Opositor Desafiador

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
1. Sujeito Cerebral	18
2. Educação, subjetividade e aprimoramento cognitivo	23
3. Crise na educação: impactos do neoliberalismo no ensino superior	33
MÉTODO	37
1. Contexto da Pesquisa.....	38
2. Participantes	39
3. Procedimento de construção dos dados	39
4. Análise interpretativa.....	40
RESULTADOS E DISCUSSÃO	42
1. Mecanismos de aprimoramento cognitivo: a vigilância em cena.....	42
2. Autocobrança, desempenho e saúde mental do estudante.....	46
3. Formação médica x formação de professores.....	51
CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE 1	65
APÊNDICE 2	66
Anexo 1 – Parecer Consubstanciado do CEP	69

INTRODUÇÃO

Em 2009 a revista ‘Isto é’ publicou uma matéria intitulada ‘Aditivos para a mente’, onde aborda o aprimoramento cognitivo com base no manifesto publicado pela ‘Nature’ intitulado “*Towards responsible use of cognitive-enhancing drugs be healthy*”, que defende o uso responsável de drogas por pessoas saudáveis. Essa prática é descrita na matéria como uma tentativa de turbinar o cérebro. Ao longo da matéria, a entrevistada de 18 anos, uma universitária do curso de enfermagem, relata utilizar medicamentos quando está desatenta e precisa ler. Ela informa que consegue os produtos através de um grupo de uma rede social. Essa prática levanta diversos questionamentos, atravessados por questões sociais, éticas, políticas, sobre os riscos do uso não-médico de medicamentos e, principalmente, a respeito da dinâmica institucional da universidade que provavelmente impulsiona o fenômeno citado.

O interesse por essa temática surgiu durante a minha trajetória da graduação em pedagogia e em psicologia, onde a medicalização da educação despontou como uma temática em sala de aula. Para compreender melhor o assunto, realizei um projeto de iniciação científica. Além disso, a medicalização e a patologização foram questões presentes nos estágios curriculares dos dois cursos de graduação que cursei. Posteriormente, se tornou uma temática de interesse enquanto pesquisadora.

A relevância social desse projeto se dá pelo fato de as pesquisas apontarem um alto nível de consumo de medicamentos por estudantes universitários, principalmente do curso de medicina, que passam por altos níveis de estresse e por demandas exorbitantes durante o seu processo formativo. Trazendo para o contexto amazônico, é necessário produzir pesquisas em âmbito regional para que possamos compreender e apreender a nossa realidade local e as questões sociais que norteiam a formação do estudante amazônida.

A relevância científica é atravessada pela necessidade de compreender quais são as questões sociais, políticas e educacionais que permeiam o aprimoramento cognitivo farmacológico no contexto universitário. Para entender esse fenômeno complexo é preciso empreender esforços para realizar pesquisas científicas e compreender a realidade educacional do discente. Essa forma de manejo pode mascarar problemas sociais complexos existentes dentro do espaço da universidade e, por essa razão, pesquisas devem se voltar para compreender tais acontecimentos.

A pesquisa voltada para esse tema pode contribuir para a produção de conhecimentos que contribua para a promoção do desenvolvimento integral e garantia do direito à saúde e educação de qualidade, conforme preceito constitucional, e para ampliar a compreensão dos acontecimentos que impactam na formação dos estudantes da área da saúde no contexto da região amazônica.

Os dados voltados para o fenômeno da medicalização na região norte do país são escassos, apesar de sabermos que há altos níveis de estresse, sofrimento, vulnerabilidade social, frustração, ansiedade e evasão da universidade. Dentre esses fenômenos, observa-se o uso excessivo de cafeína, energético e outros potencializadores, entre eles, o metilfenidato. Trazendo para o âmbito pessoal da minha trajetória enquanto acadêmica, vivenciei, em diversos momentos, o uso excessivo de cafeína e energético para manter o ritmo de leitura e conseguir entregar os trabalhos e relatórios que eram demandados. Logo, é preciso empreender esforços para compreender como tem sido a constituição do sujeito discente nos cursos de graduação em Medicina da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

As inúmeras queixas dos estudantes sobre a universidade denunciam o não reconhecimento de suas demandas (ANDIFES, 2019) e diante de um cenário de incertezas quanto ao futuro, sucessivas crises econômicas, políticas apontam a necessidade da compreensão desse fenômeno complexo da medicalização que se relaciona diretamente com *modos operandi* de uma sociedade que cobra produtividade, bem-estar e sucesso. Para pensar o produtivismo, sob a ótica da psicologia, recorre-se às discussões de outros campos do conhecimento como a filosofia, a ciência política e a antropologia para subsidiar questionamentos sobre as contingências que mobilizam estudantes universitários a buscarem estratégias adaptativas visando vantagens no desempenho acadêmico.

Para compreender como a universidade se tornou este lugar de pressão e cobranças em torno de jovens estudantes universitários é necessário discutir sobre o ideal

de produtividade, desempenho e competitividade, típicos de uma sociedade capitalista que repercutem no ambiente acadêmico e se revestem em sobrecarga de trabalho, obrigações, metas e pressões para o cumprimento de tarefas, que muitas vezes não se compreende o sentido.

A cobrança de desempenho, o culto à performance, o tecnicismo entre outras, são derivadas do produtivismo e suas lógicas. As pessoas que integram o ambiente acadêmico estão imersas nesses processos marcados pelo produtivismo, sendo comum que docentes e discentes expressem queixas relacionadas à pressão e ao assujeitamento (ROCHA, 2018). Por estas razões é relevante compreender as implicações do neoliberalismo no âmbito acadêmico e nas trajetórias de jovens estudantes que estão no ensino superior.

O capitalismo tem contribuído para a manutenção das desigualdades, assegurando, de forma objetiva e subjetiva, a perversa falência do Estado de bem-estar social, incitando a competitividade e a procura incessante por reconhecimento, em um horizonte de justiça e igualdade social frágeis (ROCHA, 2018). Essas articulações de forças estão presentes na universidade, quando são impostos padrões, metas e demandas de forma descontextualizada no cotidiano acadêmico. A demanda de produção, frequência, participação, assiduidade são metas necessárias para aprovação, sucesso e reconhecimento no meio acadêmico, mas é necessário questionar: Como isso impacta discentes da graduação? Como interpelam suas vivências de escolarização? O que esses processos almejam produzir de fato?

O processo de medicalização tem sido uma resposta adaptativa a essas pressões impostas por modelos tradicionais de ensino e aprendizagem levando alguns estudantes dos vários níveis de ensino a procurarem formas de alcançar as expectativas de desempenho acadêmico, entre elas o uso não-médico de anfetaminas, como o metilfenidato. Essa prática tem se tornado cada vez mais frequente nos cursos de medicina devido à alta demanda de atividades, provas, relatórios e estágios que o estudante tem que fazer para garantir a sua permanência na universidade. Pesquisas no âmbito universitário (TRIGUEIRO, 2020; TRIGUEIRO; LEME, 2018; PEDRO, 2018; CASTRO, 2020; SILVA DE MELO; DE SOUZA, 2020) apontam a utilização desses mecanismos de aprimoramento cognitivo para alcançar as demandas citadas.

A busca pela melhoria de desempenho e desenvolvimento de habilidades cognitivas não é um fenômeno recente, no passado recorriam-se às plantas. No entanto, se antes os estimulantes mais utilizados para garantir uma noite em claro enquanto se realizavam tarefas escolares não eram farmacológicos, com os avanços biotecnológicos e

com a expansão da indústria farmacêutica, o cenário mudou. Agora observa-se uma utilização cada vez mais crescente de estratégias farmacológicas visando aumentar o rendimento cognitivo. A procura e implementação desses mecanismos para o aprimoramento cognitivo, farmacológico ou não, fazem parte da realidade do ambiente universitário.

Para Barros e Ortega (2009), o campo das neurociências avançou nos últimos anos, possibilitando a criação de novos mecanismos tecnológicos voltados para o tratamento de transtornos mentais e problemas neurológicos. Nesse sentido, essas inovações ampliaram o conceito de identidade, *self*, liberdade, fazendo com que as discussões fossem compartilhadas com outros campos de conhecimento, entretanto o capitalismo que tudo transforma em mercadoria, capturou essas questões transformando-as em nicho mercadológico.

Produziu-se intencionalmente uma mudança no valor social do cérebro, órgão que passou a simbolizar o desempenho intelectual, construindo-se um ambiente favorável à expansão das neurociências, supervalorizando-a na relação com outras disciplinas. Foram colocados em cena e se popularizaram conceitos e instrumentos do campo das neurociências. O cérebro passou a ocupar o papel de representação da identidade, do *self*, respectivamente, produzindo a ideia de que conhecer o sujeito corresponderia a conhecer o cérebro (EHRENBERG, 2004). O mercado dos cursos de especialização demonstra bem esse fenômeno da supervalorização das neurociências com a oferta de cursos tais como neurodidática, neuropsicopedagogia, neuroeducação entre outros.

Para estudar de forma crítica e reflexiva sobre esses mecanismos, farmacológicos ou não, de potencialização do desempenho cognitivo utilizados por universitários recorremos a o conceito de ‘aprimoramento cognitivo farmacológico’ ou ‘doping intelectual’ proposto por Cruz *et al.* (2011) que o define como estratégias para aumentar a capacidade produtiva, a concentração, a atenção e acelerar o processo de aprendizagem.

O que leva universitários a se automedicarem como uma forma de aumentar as habilidades cognitivas que auxiliam no estudo? A universidade está induzindo esses processos? A universidade impõe demandas alcançáveis ou inalcançáveis para as/os estudantes? A universidade reproduz práticas acadêmicas excludentes que incentivam o fenômeno da medicalização? Como as/os estudantes veem essa prática? Esses questionamentos iniciais nos levaram a problematização dos impactos de um contexto universitário competitivo e despersonalizante no uso instrumental, por estudantes, de estratégias farmacológicas de aprimoramento cognitivo. A pressão para realizar provas,

estágios, trabalhos, atividades, relatórios somados aos fatores psicológicos, sociais, históricos e econômicos individuais estariam de fato relacionados ao surgimento do aprimoramento cognitivo farmacológico como resposta adaptativa que busca garantir a permanência na universidade é o questionamento que nos guiou na construção dessa pesquisa.

As estatísticas de consumo de medicamentos demonstram, conforme dados mostrados a seguir, que o crescimento exponencial de uso de substâncias psicoativas parece se sustentar na ideia de que necessitamos utilizar dispositivos bioquímicos que modificam a atividade cerebral e trazem vantagens: seja rapidez ou felicidade ou melhor desempenho. Tais acontecimentos são atravessados por representações sociais sobre as populações e as substâncias utilizadas conduzindo a significações bem distintas em função da classe social, raça e gênero. Dependendo de quem utiliza esses dispositivos e em quais contextos os significados atribuídos a essas vivências serão completamente diferentes. Dado o abismo social e as desigualdades econômicas, as práticas psicoativas em classes sociais abastadas e em classes populares não são representadas da mesma forma, pois são atravessadas pela moralidade. O uso de uma mesma substância, feito por classes diferentes levaram a condenações diferentes, sendo a classe popular mais sujeita à criminalização.

Diversas formas de estimular o cérebro têm sido propagadas, algumas farmacológicas outras não. Nesse rol se incluem atividades físicas, alimentação, meditação, música como formas de intervenção no modo de funcionamento do cérebro. Parte dessa conduta se dá pela ideia de que o cérebro deve atingir metas de desempenho. É como se o cérebro estivesse assumindo um papel de órgão insubmisso e essas estratégias pudessem levar ao aprimoramento das condutas das pessoas, sendo produzidas novas tecnologias e dispositivos de controle. O foco não são as pessoas e suas contingências de vida, mas o uso instrumental dessas estratégias. Os argumentos basilares para essas ações vêm sendo utilizados há décadas, mas se vestem com novas roupagens para acompanhar os processos sociais da época, borrando e atravessando os saberes científicos, bem como o papel político da ciência.

No campo das ciências sociais e humanas, uma das discussões sobre o uso não-prescrito de drogas para fins acadêmicos refere-se aos efeitos colaterais danosos ao processo de desenvolvimento, parte deles ainda desconhecidos, e as possibilidades de abuso e dependência. Nesse sentido, a medicalização, processo que transforma problemas não médicos em médicos, tem sido cada vez mais relatada como um dos problemas que

afetam de forma preocupante a educação em vários níveis, inclusive no âmbito universitário. De acordo com Carneiro e Leme (2018), os estudantes utilizam esse recurso por acreditarem que o medicamento poderá contribuir para o sucesso e alcance dos seus objetivos, não se questionando as expectativas e metas.

Em estudo anterior, Carneiro *et al* (2013) apontou que os 13,51% dos estudantes entrevistados utilizavam fármacos para realizar todas as provas e 10,81% aumentaram a dose para manter o efeito semelhante ao do início do uso, sendo este um relevante fator de risco. A exclusão no sistema educacional tem longa história e a patologização tem sido uma das suas facetas. A falta de acesso à universidade de grandes contingentes de jovens e os elevados níveis de evasão e repetência, se revelam nas estatísticas e nas crescentes queixas em relação à saúde mental. Uma resposta adaptativa pode ser a potencialização de desempenho cognitivo por meio de psicotrópicos.

As questões acima citadas têm total relação com os efeitos do capitalismo e os embates políticos que se estabelecem na arena social. A disputa de poder se consolida na educação por meio de mecanismos de controle como a medicalização da educação e essa dominação política se faz presente tanto no Estado quanto no mercado privado. Para compreender esse cenário do aprimoramento cognitivo dos estudantes, devemos utilizar uma epistemologia crítica e reflexiva que permitirá analisar esse fenômeno com bases teóricas críticas que guiam a pesquisa e seus atravessamentos. Aqui não se pretende esgotar a questão, mas fazer um recorte do problema para investigar esse aspecto da medicalização no ensino superior, desvelando-se seus efeitos nos/nas estudantes.

A preocupação que se destaca nesta pesquisa, foi compreender quais são as representações, os significados e os valores atribuídos ao aprimoramento cognitivo farmacológico para fins acadêmicos. Além disso, almeja-se compreender se há e como se configuram as interrelações complexas entre as inúmeras demandas de desempenho acadêmico, o acesso legal ou não aos medicamentos controlados, os contextos institucionais caracterizados pelo racismo, classismo, sexismo e capacitismo e as maneiras como os/as estudantes respondem a tudo isso no âmbito do curso de medicina da Universidade Federal do Amazonas.

Logo, para melhor compreender a dimensão desse fenômeno na universidade, investigamos como se dá o aprimoramento cognitivo, farmacológico ou não, em estudantes da Universidade Federal do Amazonas, campus Manaus. Pesquisamos com discentes da graduação de medicina, como forma de compreender as implicações desse fenômeno em estudantes da área da saúde. Para construção das discussões utilizamos

teorias sociais críticas que permitem interpretar as noções dos/as interlocutores/as deste estudo sobre a produção do que se chama neste projeto de trajetórias turbinadas.

Refletindo sobre as questões pontuadas acima, delimitou-se nesse trabalho como objeto de estudo o aprimoramento cognitivo farmacológico e como contexto de análise o curso de graduação em medicina, sendo eleito o seguinte problema de pesquisa: Quais são os significados do aprimoramento cognitivo farmacológico na trajetória de estudantes universitários?

Diante do exposto, o objetivo geral desta pesquisa é compreender os significados do aprimoramento cognitivo farmacológico na trajetória de estudantes universitários. Como objetivos específicos: (1) Identificar os valores e práticas sociais que permeiam o aprimoramento cognitivo farmacológico; (2) Analisar os aspectos que interferem no modo como os diferentes indivíduos – estudantes de medicina - se apropriam, reelaboram e replicam saberes relativos às substâncias, drogas e medicamentos; (3) Compreender os contextos de uso e circulação das substâncias que prometem aprimoramento cognitivo e/ou uma melhor performance na trajetória do ensino superior.

Esta dissertação está organizada em cinco seções. A primeira seção apresenta o referencial teórico e está subdividida em duas partes. Inicialmente apresenta-se a concepção de “Sujeito Cerebral” onde abordamos como uma figura antropológica na qual o cérebro é compreendido como a base da identidade do ser humano. Discutimos como essa categoria é atravessada pela neurociência, como campo científico que atende a uma demanda social de produção, modelação do cérebro e apagamento da pessoa. Em seguida no item “Educação, subjetividade e aprimoramento cognitivo farmacológico” são apresentadas reflexões sobre como a ideia de uma educação que compreenda subjetividade pode contribuir para o processo educativo e formativo do discente. Além disso, abordarei sobre como o fenômeno do aprimoramento cognitivo farmacológico impacta o modo de existir na universidade. A segunda seção apresenta o percurso metodológico explicitando motivações e justificativas para as escolhas de contexto de estudo, participantes e procedimentos de construção e análise de dados. A terceira seção apresenta os resultados e discussão. Em seguida vêm as considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O embasamento teórico da pesquisa está delineado em dois eixos de discussão: o primeiro eixo considera os pressupostos fundamentais da discussão sobre Sujeito Cerebral, levada a cabo por Ortega (2005) concepção crítica que enfatiza os modos pelos quais o sujeito é convertido a perspectiva unívoca do cérebro. A visão do cérebro pela neurociência se estabelece um ponto de vista biologicista que reduz a identidade da pessoa ao cérebro. Essa discussão ajuda a compreender a ambiência favorável às neurociências, uma vez que elas atendem uma demanda social pela lógica imediatista compreendida pelo discurso capitalista como eficiência e com resposta mais breve que tem levado à medicalização e à patologização. Além disso, Ehrenberg (2009) argumenta que não há necessidade de oposição ou embate entre o biológico e o social, pois os dois são complementares para a existência do ser humano.

O segundo eixo de discussão aborda o aprimoramento cognitivo farmacológico no contexto educacional, trazendo à luz debates sobre o ambiente universitário e a utilização de medicamentos para turbinar os estudos e acompanhar as demandas da universidade. Aborda também a importância da subjetividade no processo educativo.

1. Sujeito Cerebral

Em meados do século XX surgiu a ideia de que a essência do sujeito está no cérebro, logo, a identidade pessoal estaria diretamente ligada a esse órgão. Para referendar os constructos científicos da época, os cérebros de personalidades marcantes eram pesados e medidos, pois ligavam o peso e a dimensão à inteligência, buscava-se também encontrar a localização anatômica da inteligência. Todavia, a neurociência, acompanhando o seu processo histórico, era atravessada pelo racismo. Para referendar tal preconceito, comparavam o cérebro de pessoas brancas com as de pessoas negras e indígenas, buscando um respaldo biológico para justificar tais preconceitos (ORTEGA, 2005).

À medida em que se discute sobre a sociedade contemporânea e seus saberes científicos, como a neurociência, surge uma figura antropológica que compõe uma crença que, essencialmente, reduz o sujeito ao cérebro, sendo nomeada de sujeito cerebral

(ORTEGA, 2005). O sujeito cerebral é constituído, para Novas *et al.* (2000), uma grande figura antropológica, como uma forma central da mutação maior da identidade individual e que foi nomeada como “individualidade somática”.

O sujeito cerebral corresponde à fragmentação presente na história da medicina, onde foi dividida em partes, em especialidades de acordo com a anatomia corporal, onde somos partes e não um todo. Observa-se na prática quando, ao procurar um médico, somos encaminhados para um especialista que atua de forma restrita. Como um ortopedista que atende apenas demandas relacionadas ao quadril ou apenas às mãos. É interessante pontuar que ele pode ter um rico conhecimento sobre aquela área específica, mas perde a visão do todo, do corpo, do sujeito e suas queixas que podem ter levado até onde está. Nesse sentido, o cérebro é visto como uma parte separada do corpo. Essa premissa traz a ideia de que, segundo Ortega (2005) o cérebro é a parte mínima necessária que devemos ter para definir uma pessoa.

Nesse sentido, alguns debates levaram à ideia de que transplantes cerebrais seriam possíveis e preservariam a identidade do sujeito, *self*, pois ela estaria ligada diretamente ao cérebro (BARROS; ORTEGA, 2009). Ilustrações como essas podem ser encontradas em histórias e filmes em que ocorrem transplantes cerebrais (BARROS; ORTEGA, 2009). Dessa forma, vai se construindo um ambiente favorável à disseminação de conhecimentos sobre as neurociências e cresce a valorização social sobre esse órgão, decorrente de uma midiaticização das neurociências e de um vocabulário naturalista (EHRENBERG, 2009).

Vidal (2011) aponta que se transplantarmos o cérebro da pessoa A para o corpo B, B não ganha um cérebro novo, mas sim A que ganhou um novo corpo. Esse pressuposto demonstra a forma como o cérebro foi gradativamente passando a representar, para alguns autores, a definição da identidade e referendando a ideia de sujeito cerebral. O autor afirma que a propagação da utilização do cérebro nas ficções filosóficas acompanhou, cronologicamente, o desenvolvimento de seu peso simbólico, institucional, bem como as movimentações financeiras para o desenvolvimento de pesquisas científicas, como se fosse um dever moral para benefício da humanidade.

Essa concepção traz vários questionamentos para as neurociências e evoca questões da filosofia clássica sobre a ética, como: o livre-arbítrio, a intenção, a decisão moral e outros (BARROS; ORTEGA, 2009). O fato é que essa nova compreensão pode gerar mudanças em diversos âmbitos da sociedade, inclusive nas instituições, entre elas, a educacional.

“O cérebro é tratado como se fosse um músculo; e a musculação cerebral é o caminho real para se modelar uma pessoa” (ORTEGA; VIDAL, 2007, p. 260). De acordo com essa premissa, o cérebro pode passar por uma modelação, logo, seria possível modificar o seu desempenho. O sujeito cerebral pode potencializar e turbinar a capacidade produtiva, compreendendo que teria a resposta necessária para o melhoramento do desempenho cognitivo, visto que, seguindo esse ideal, seria possível ver o cérebro como o órgão responsável por corresponder às necessidades que lhes são demandadas.

Ehrenberg (2009) afirma que o cérebro não é mais visto apenas como um objeto do conhecimento médico e científico, ele passou a ser um ator social. Surge o questionamento sobre a possibilidade de haver uma opinião pública de que nossas dificuldades relacionais e psicológicas não são pessoais e sim questões neuroquímicas. Podendo ser um ponto crucial para compreender a questão do sujeito cerebral. Equilibrar a neuroquímica cerebral seria suficiente para elaborar as questões complexas da existência? A visão social do cérebro aliada à responsabilização desse órgão por nossas condutas e dificuldades levaria a se abster da análise do todo, podendo produzir um olhar reducionista e simplista da realidade da existência humana.

Ehrenberg (2009) considera que há uma tendência em integrar os campos da psiquiatria e da neurologia nas publicações científicas de renome sendo, predominantemente, uma tendência norte. Ao tentar estabelecer essa ponte entre neurologia e psiquiatria ou entre cérebro e espírito são construídas especulações que extrapolam a exigência de neutralização metodológica do social rumo a uma cegueira conceitual que, na visão de Ehrenberg (2009), é um erro lógico e antropológico.

A identidade biológica não resume a identidade de uma pessoa em sua totalidade. A adoção de uma perspectiva exclusivamente biológica promove a confusão entre a individuação e a individualização, que “leva a pensar que o cérebro é, ao mesmo tempo, o sujeito que dirige a pessoa e a pessoa inteira” (EHRENBERG, 2009, p.197). Distinguir individuação e individualização, é importante para superar a biologização. Individuação refere-se à identidade pessoal e individualização remete aos sentidos atribuídos à identidade. Dessa forma, o autor afirma que o sentido não reside no cérebro, mas no meio social.

Ehrenberg (2009) defende que seja relativizada a oposição entre sujeito cerebral e sujeito falante e aponta como possibilidade a utilização dos progressos da biologia do cérebro para entender o cerebral e o relacional em suas especificidades e articulações.

As razões sociais do sucesso das neurociências têm maior relação com as respostas aos problemas estabelecidos socialmente quando são definidos ideais de estilo de vida, autonomia, saúde, independência (EHRENBERG, 2009). O autor afirma que as neurociências suscitam a esperança de que sejam elaboradas técnicas de multiplicação das capacidades cognitivas, de controle emocional, ligadas ao estilo de vida que é almejado pela sociedade. O consumo de psicotrópicos, drogas e substâncias dopantes tornaram-se hábitos contraídos para impulsionar o próprio funcionamento.

Podemos afirmar que esses processos levaram ao alargamento dos diagnósticos, com um aumento do número de transtornos descritos nos manuais diagnósticos, se deu pela inclusão de critérios do âmbito social, muito mais como uma resposta ideológica, acrítica e adaptativa. A busca pelo aprimoramento levou ao aumento do uso de drogas, busca de cursos e de medicamentos, além de uma defesa de maior tolerância à neurodiversidade. Apesar desse último fator possuir um aspecto positivo, ele carrega também alguns problemas, como nos alerta Ehrenberg (2009).

Ocorre uma profusão de terapêuticas e um mercado se organiza para atender essa demanda por aprimoramento. A oferta de treinamento para vida social para assegurar melhor desempenho por causa da maior tolerância com pessoas diferentes, supostamente embasado cientificamente, carecem de consistência e análise mais aprofundada. Os recursos de linguagens justificaram as maneiras de ser com uma suposta tentativa de auxiliar na maneira de lidar com o estigma social dos respectivos diagnósticos. Entretanto, Ehrenberg (2009) diz que isso leva a uma confusão entre superar o estigma e superar a patologia, deixando as pessoas aprisionadas na patologia.

A doença mental como doença do cérebro levou psiquiatras a supermedicarem por precaução e porque os clientes não possuem acesso à psicoterapia. Os planos de saúde consideram doença apenas o que atinge ao corpo, induzindo à patologização, por considerarem doença o que não é doença de fato (BEZERRA, 2013).

Então, como aponta Ehrenberg (2009, p. 208):

“[...] é esse mesmo contexto que simultaneamente faz pesar sobre cada um a responsabilidade de ter de se construir por si mesmo como um todo autônomo e impele os cientistas a proporem soluções parcialmente ilusórias a esta preocupação maior das sociedades individualistas [...]”.

A cisão entre biológico e social desconsidera que os mecanismos biológicos são resultados da construção social do sujeito, sendo assim, as necessidades da espécie

também são sociais. Somos equipados biologicamente para existirmos como seres sociais e isso nos direciona a tomar como critério do mental a significação (DESCOMBES, 1995), ou seja, “sem corpo não há ser humano, mas sem vida social, sem mundo comum, tampouco” (EHRENBERG, 2009, p. 209).

A epistemologia das ciências evoluiu em direção ao paradigma da complexidade e a ideia do sujeito cerebral precisa ser avaliada criticamente nessa perspectiva. Quanto mais segmentamos o ser humano ou privilegiamos a análise de uma dimensão, no caso a biológica, mais perdemos a noção do todo e deixamos de compreender a complexidade do processo de desenvolvimento humano. Olhar a identidade vinculada, clinicamente, a ideia de sujeito cerebral é ter uma visão reducionista do sujeito e dos fenômenos que o cercam.

Morin (2005) postula que o pensamento complexo traz a ideia do uno e do múltiplo. É no tecido da complexidade que ocorrem os acontecimentos, acasos, determinações, ações, interações, retroações que constroem o mundo fenomênico. Aqui estariam presentes os traços da desordem, do que não pode ser desassociado, do que é ambíguo e incerto. Portanto, o conhecimento precisa ordenar tais questões, hierarquizando, afastando incertezas e distinguindo. Entretanto, essas operações voltadas à inteligibilidade podem provocar cegueira, caso eliminem aspectos ‘complexus’ (MORIN, 2005).

Como ponto de partida no campo científico, é importante preservar os aspectos que envolvem, interagem e atravessam o sujeito, mantendo o olhar crítico e reflexivo, compreendendo as fragilidades e as contradições do meio científico, mas preservando a complexidade dos fenômenos.

Ao longo dessa Seção argumentei que a ideia de sujeito cerebral é uma crítica à premissa de que o cérebro é o quesito chave para a definição de sujeito, em que a identidade está diretamente ligada à essa parte anatômica do corpo do ser humano. Essa concepção, presente na sociedade contemporânea, é atravessada por um viés reducionista e biologicista. Observa-se que esse conceito atende a uma demanda social vinculada a interesses de mercado e de controle dos corpos regulando modos de funcionamento, valores morais, ideias de sucesso e produtividade, afinadas com o poder hegemônico vigente na sociedade. Salientamos, portanto, de onde partimos: uma visão crítico-reflexivo que acredita que o sujeito é constituído pelo biológico e pelo social de formas complementares, não havendo predominância do biológico.

A visão do cérebro como um músculo, um órgão que pode ser treinado, melhorado e modificado dialoga com a concepção de aprimoramento cognitivo farmacológico e será a temática da Seção que será apresentada a seguir. Esses processos impactam diretamente as trajetórias de escolarização dos/das estudantes. Para aprofundar a análise dessa questão abordarei na próxima Seção, a temática da educação, seus processos subjetivos e o fenômeno do aprimoramento cognitivo farmacológico dentro do ambiente universitário.

2. Educação, subjetividade e aprimoramento cognitivo

As instituições educacionais têm sido demandadas a repensar o modo de mediar a construção da aprendizagem. Defende-se neste trabalho, a importância de a educação considerar a subjetividade para explicar com mais profundidade os processos de desenvolvimento e aprendizagem. Recorreremos a alguns autores como Vygotsky (1896-1934), González Rey (1949-2019) e Paulo Freire (1921-1997) para apresentar conceitos que ajudem a compreender o objeto de estudo deste trabalho.

A escola e a sociedade precisam compreender que cada sujeito tem seu tempo de desenvolvimento e que somos seres subjetivos. Não precisamos criar rótulos e estigmas para estudantes com baixa ou alta capacidade de aprendizagem. Somos seres neurodiversos e isso deve guiar a educação, compreendendo que cada sujeito possui suas singularidades, e, portanto, respeitar essa diversidade do tempo e do modo de aprender pode favorecer as mudanças.

Como afirma Paulo Freire (1996), os métodos de ensino devem ser repensados, considerando-se tanto os avanços tecnológicos, sociais, culturais e políticos, que acompanham as culturas juvenis que estão em constante mudança. Se o mundo mudou, os estudantes universitários também mudaram. Como aponta Vygostky (1911), mudanças na cultura influenciam a dinâmica e valores que organizam a sociedade constantemente. Novas formas de comunicação, novas identidades, convivem com problemas antigos relacionados às desigualdades sociais, de gênero, raça e classe.

A ideia de um padrão de desempenho escolar, de cuidado dos familiares e de condições socioculturais estáveis atravessam as pesquisas por compreenderem que há, também, um padrão social hegemônico de ser humano socialmente aceitável. É como se houvesse uma homogeneização na educação, onde todos são colocados no mesmo nível de estudos e atividades. Entretanto, vale lembrar que cada sujeito tem uma história única

de vida e isso reflete em como ele passará pelos processos educativos. Logo, as formas de aprender de cada estudante são diferentes. Por isso, não devemos rotular ou excluir ou estigmatizar sujeitos que não se encaixam nesse padrão de desempenho.

A medicalização aparece na educação como uma das estratégias de adaptação ao cotidiano. Portanto, o aluno que possui uma dinâmica diferente dos modos de aprender é rotulado como preguiçoso, desorganizado, desatento, burro ou doente. Afinal, a culpabilização surge nesse trajeto como uma forma de responsabilização do não aprender. Essa atitude faz com que haja uma marginalização de educandos que não se adaptam aos métodos tradicionais da educação, onde o conteudismo e a produtividade predominam.

Meira, Almeida e Melo (2012; 2020) apontam que a medicalização se constitui em um desdobramento inevitável no processo de patologização, das questões que são consideradas problemas educacionais, pois tem se tornado uma justificativa que referenda a manutenção da exclusão em larga escala de sujeitos pobres e que apesar de permanecerem na escola por muito tempo não se apropriam dos conteúdos escolares de fato. A apropriação do conteúdo deve ser vista como algo processual e que possui diversas questões que atravessam o aprender, como: situação socioeconômica, alimentação, problemas familiares, história de vida, saúde física e mental. À primeira vista, os alunos não devem ser vistos como depósitos de conteúdos e sim sujeitos em processos formativos.

A patologização aparece como uma justificativa do não-aprender dos educandos. Transferem a responsabilidade do não-aprender para as disfunções neurológicas desses educandos, resultando na medicalização. Além disso, se impõe a ideia de que o estudante precisa dar conta de tudo que é demandado pela universidade, como se fosse uma mera questão de cumprir prazos, 'ser capaz', ter mérito, ser um estudante dedicado e que busca sucesso. Entretanto, isso não pode ser reduzido apenas ao esforço que é dedicado às atividades acadêmicas. Deve-se levar em consideração as questões sociais, econômicas, históricas e culturais do sujeito que possibilitam ou não a adaptação a essa cobrança.

Destarte, esse contexto dentro da universidade gera consequências imensuráveis na vida dos acadêmicos, impulsionando os estigmas e a demais questões que podem levar os estudantes a buscarem outros caminhos para alcançar os padrões de desempenhos que a universidade demanda. Já a medicalização se apresenta como forma de melhorar os processos educativos que existem na universidade, sendo consequência dessa vivência formativa.

No que se refere à formação, Gasparin (2007) aponta que o processo de trabalho docente-discente, durante a história da educação, tem dado prioridade em certos momentos para ensino-aprendizagem e em outros somente para ensino. Observa-se que as teorias pedagógicas tradicionais e tecnicista recebem certo destaque no campo do ensino. Gasparin (2007) ainda pontua que os mecanismos de socialização estão expressos na estrutura de tarefas acadêmicas e na estrutura das relações dos espaços de ensino e da sala de aula. A organização e seleção dos conteúdos, a participação dos estudantes, o controle do espaço e do tempo são estratégias de manejo do ambiente educacional.

Em meio à crise educacional, temos outras discussões que surgem por conta da maneira que entramos, saímos da escola e entramos na universidade. Se determinados fenômenos estão presentes na escola, eles também poderão estar presentes na universidade, nas formas de relação, vivência e aprendizagem. Em meio a isso, temos a patologização, a pressão e o estigma que são impostos aos alunos que não conseguem aprender os conteúdos selecionados e impostos pelo ambiente educacional.

Precisamos lembrar também que estigmas instalados na educação básica podem ser perpetuados no ensino superior. Logo, a criação de tantos diagnósticos, como dislexia, dislalia, discalculia, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno Opositor Desafiador (TOD), entre outros, relacionados à dificuldade de aprendizagem contribui ainda mais para o fracasso escolar que assola a educação brasileira. Devemos pensar medidas que amenizem o fracasso escolar e contribuam para a construção de uma educação que realmente inclua e não estigmatize seus educandos.

Nesse sentido, a promoção da autonomia, autenticidade, liberdade e conteúdos significativos relacionados ao contexto do educando podem ser estratégias a serem utilizadas para contemplar as questões complexas que permeiam o ensinar e o aprender. Com isso, conseguiremos reformular e repensar os métodos de ensino que estão sendo utilizados, abrindo espaços na universidade para o diálogo entre discentes e docentes, podendo formar um outro tipo academia. Uma universidade que ajude o aluno a ser autônomo, criativo, participativo e contribuinte para uma sociedade despatologizada e desmedicalizada.

Dentre essas questões e imposições aos universitários, aponta-se a pressão para adaptação à universidade. A saída da educação básica e a entrada na universidade não é um processo simples. A dinâmicas desses ambientes educacionais são complexas, pois na universidade as realizações das atividades podem demandar maior esforço e tempo, podendo gerar estresse ou frustração no cumprimento dessas atividades. Portanto, o uso

de psicoestimulantes e outras formas de aumento de desempenho cognitivo têm sido uma realidade dentro do ambiente acadêmico para que os estudantes alcancem as metas necessárias para pertencerem e permanecerem nesse espaço.

Entende-se que a medicalização - e como consequência o aprimoramento cognitivo farmacológico - é de raiz política e social e, por isso, tem relação direta com o capitalismo (RODRIGUES; SILVA, 2021). A chegada da pós-modernidade trouxe consigo diversos debates relacionados à saúde, à educação e ao sistema econômico vigente. A cobrança e a competitividade que são impostas pelo sistema capitalista atravessam diretamente a educação. Esse atual sistema político e econômico como uma construção histórica e processual para chegar na sociedade, nos modos de socialização e nos modos de aprender que temos hoje. Devemos entender a medicalização e seus respectivos fenômenos como fatos de um todo dialético, pois determinam e são determinados por uma totalidade complexa e concreta.

Educação e saúde estão diretamente ligadas a política, a economia e seus mecanismos de poder, de ordem e de exclusão. Mara (2016) postula que a burguesia não pode exercer a dominação em seu próprio nome. Ela necessita fazer uma apresentação como portadora dos “interesses universais”, necessita dominar não apenas pela força, mas também pelo consenso. Por isso, abordamos como esfera de dissimulação, encenação que encobre os reais interesses de classe. Podemos ver o reflexo dessas questões na forma de organização da universidade, suas burocracias e mecanismos de exclusão.

Logo, a compreensão do cenário político-econômico faz parte do ponto de partida desse trabalho. A teoria social de Marx e seu método crítico-dialético possibilita uma visão dessa política no movimento da sociedade burguesa, remodelando as suas características por meio de um conjunto de determinações que vão muito além das sugestões imediatas (COSTA; MÉLLO; NOGUEIRA, 2018). As conquistas sociais devem ser vistas em sua totalidade, como acesso à educação e à saúde pública, por exemplo.

A princípio, podemos pensar na desconstrução dos modelos de ensino tradicionais, conteudistas e que valorizam a competitividade, onde o sistema de ensino que é guiado pelas ideias do capitalismo, e pensar em uma educação que promova a igualdade, o desenvolvimento pleno do ser humano, respeitando a subjetividade dos seus educandos. A subjetividade é um tema muito caro quando pensamos em um processo do aprender que possibilite o desenvolvimento integral do indivíduo. É possível repensar e reconstruir os processos educativos. Para isso, trazemos as ideias de Vygotsky para nos

fazer refletir sobre uma educação que possibilite não só o desenvolvimento cognitivo, mas que eduque por meio da rede de significações de cada sujeito. A abordagem Histórico-Cultural busca compreender a dialética entre indivíduo, sociedade e psique como um sistema complexo e dinâmico, por meio da categoria de sentido (CASTANHO; SCOZ, 2013).

Para Vygotsky (2001), o sentido está ligado ao falar e ao pensar. O autor afirma que o sentido é uma formação dinâmica, fluida e complexa e que possui diversas zonas que se diversificam em sua estabilidade. O significado é apenas uma das zonas de sentido que a palavra alcança no contexto da fala. Logo, para Vygotsky (2001), a fluidez e a complexidade do sentido estão relacionadas a sua constante interação com o meio social, por isso a subjetividade é dinâmica. O significado, por sua vez, está relacionado com uma das zonas de sentido: a palavra. É por meio da fala que produzimos e apresentamos nossos pensamentos.

A subjetividade é construída no e pelo social por estar articulada em forma de rede, **ligada** e entrelaçada com os sócios de uma sociedade à qual nos relacionamos. Ela é dinâmica por estar em constante mudança, como nós, sempre em desenvolvimento. É por meio dela que damos sentido e significado ao meio em que nos constituímos.

A constituição da subjetividade está articulada com a história, no que se refere à inserção do sujeito na cultura da qual faz parte e pelas experiências e vivências imediatas que singularizam o mesmo. A apreensão singular da tradição cultural promove ao sujeito o reconhecimento de si e do outro, por meio da produção de narrativas e memórias (BIRMAN, 1997; LE GOFF, 1996).

A história e as experiências pelas quais o sujeito passa contribuem para considerar o coletivo e o singular, pois no âmbito social se caracteriza por valores, conhecimentos, costumes e ideias sociais de um determinado momento histórico, vinculando a pressupostos coletivos, ou seja, as relações (SOUZA, 2004). É por esse motivo que as trocas em espaços educacionais são de suma importância para a construção dos sujeitos e suas subjetividades.

A educação apresenta a escola numa relação indissociável com a sociedade, da mesma forma que é inseparável as histórias dos sujeitos que ocupam a escola, caracterizando-se como uma expressão da subjetividade social. A partir do momento que essa compreensão é disseminada na área da educação, a escola deixa de ser apresentada como processos isolados e fragmentados. O aluno passa a expressar não só sua condição escolar, mas também sua condição social como um todo (GONZÁLEZ REY, 2001).

González Rey (2001) afirma que a subjetividade na educação possibilita a compreensão dos processos educativos e do sujeito, pois compreender a subjetividade na educação possibilita romper com a naturalização dos processos associados à educação. Além disso, permite compreender os diversos momentos do processo educativo por meio dos processos de significação e sentidos, existentes em formas diversas zonas de tecido social. Esse ideal garante abandonar, de certo modo, as dicotomias que foram construídas historicamente entre social-individual, afetivo-cognitivo e outras concepções que estão presentes na educação até hoje como representações dessas dicotomias.

A escola e o educador têm um papel fundamental no desenvolvimento da subjetividade do educando que está em processo de escolarização. A subjetividade explica a forma como nos relacionamos com o mundo e é por meio da educação que nós podemos aprimorar nossa capacidade de análise, crítica, resolução de problemas e compreensão do mundo. Dessa forma, naturalizar ou biologizar os processos educativos aos quais sujeitos em processo de escolarização são submetidos é simplificar a subjetividade humana, pois devemos compreender que somos seres complexos. Já no que se refere ao desenvolvimento e aprendizagem, entende-se que estão interligados, da mesma forma como afeto e cognição não se separam, são diferentes, mas são interdependentes.

Portanto, refletir sobre o uso de mecanismos para o aprimoramento cognitivo deve ser um tema em questão para a educação na universidade. É preciso compreender as causas do aumento do consumo de psicoestimulantes por universitários. As substâncias psicotrópicas entram em destaque quando se trata da busca pelo aumento da produção, do rendimento e alcance de metas, sendo caracterizadas pelo consumo instrumental dos medicamentos. Entre essas substâncias, o cloridrato de metilfenidato tem ganhado destaque pelo alto consumo no Brasil e no mundo. Essa forma de uso objetiva potencializar a capacidade produtiva do sujeito.

A anfetamina surgiu em 1887, na Alemanha, para aliviar a fadiga e para estimular o Sistema Nervoso Central, já no período da Segunda Guerra era conhecida por reforçar a resistência, elevar a moral e evitar a sonolência (BRANT; CARVALHO, 2012; SIELSKI, 1999). Essa droga era conhecida como benzedrina. Pesquisadores da época observaram que a benzedrina era eficaz para melhorar o comportamento das crianças agitadas, inquietas e desatentas. As pesquisas prosseguiram e em 1940 surgiu o metilfenidato (FIOCRUZ, 2009).

O cloridrato de metilfenidato é comercializado no Brasil com o nome Ritalina ou Concerta e é utilizado para o tratamento de narcolepsia e Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Entretanto, no contexto contemporâneo, o metilfenidato tem sido utilizado com outros objetivos e por isso, tem sido uma das drogas legais mais procuradas para quem deseja melhorar seu desempenho.

Esse psicotrópico passa a ser utilizado, de forma legal, para tratamento de transtornos e doenças. Este acontecimento é fruto da Convenção de Substâncias Psicotrópicas de 1971 da Organização das Nações Unidas (ONU) (GOODMAN; GILAM, 2005). Esse compromisso também é assumido pelo Brasil, passando a ter um controle especial pelo seu alto potencial de abuso e dependência (BARROS; ORTEGA, 2011). Esse medicamento passou a ser controlado a partir da Portaria 344/98 (ANVISA, 1998).

Barros e Ortega (2011) afirmam que, no Brasil, não há uma expressão ou palavra estabelecida para se referir a essa forma de uso. Os termos a seguir foram encontrados na mídia ou em artigos científicos: aprimoramento cognitivo farmacológico; doping intelectual; potencialização do desempenho cognitivo; melhoria da performance; uso indiscriminado de estimulante; uso instrumental de remédio; drogas para turbinar o cérebro; neurologia cosmética; neuroaprimoramento farmacológico; doping cerebral; drogas da inteligência e aperfeiçoamento cognitivo (TRIGUEIRO; LEME, 2020; ARRIA *et al.*, 2008; BARROS; ORTEGA 2011; CÂNDIDO *et al.*, 2019; CASTRO, 2020; PAIVA, GALHEIRA; BORGES, 2019; PEDRO; 2018; POMPERMAYER; VILAÇA; DIAS, 2021; SILVA DE MELO; DE SOUZA, 2020; TRIGUEIRO, 2020; YAEGASHI *et al.*, 2020).

Peter Conrad (2007) afirma que houve um aumento do poder da medicina e que seus respectivos conceitos se expandiram nos últimos 50 anos. Conrad (2007) aponta que o número de médicos aumentou consideravelmente nos últimos anos. Como também houve uma mudança expressiva na jurisdição médica. Esse fato implica diretamente na forma como vai se construir a relação entre a medicina e a sociedade, pois, o médico passa a ser uma figura socialmente respeitada, sendo considerado uma autoridade do saber. Vale ressaltar que esse não é um processo unilateral, pois a medicina entra nesse processo para atender a demanda da sociedade – que também demandam por medicalização como sujeitos ativos.

Com o aumento do surgimento de doenças e transtornos mentais e seus respectivos diagnósticos, temos o desenvolvimento de psicotrópicos para o tratamento, manutenção

ou contenção de seus sintomas latentes. Além disso, há uma grande categorização e patologização de comportamentos relacionados à diversidade das subjetividades existentes, fazendo com que questões complexas sejam reduzidas ao diagnóstico ou à estigma. Interligado a esse movimento, a medicalização se apresenta, segundo Conrad (2007), como um processo em que problemas não médicos passam a ser tratados, rotulados e definidos como problemas médicos.

Segundo Bezerra (2013), antigamente, as doenças eram tratadas a partir de uma análise da história de vida do sujeito, a partir de uma causa. A doença tinha um sentido. Hoje as doenças são tratadas a partir dos sintomas que o sujeito apresenta. Muitas vezes sem analisar a fundo o que levou o paciente a ter esses sintomas, e, posteriormente, a enfermidade. Isso pode ser um retrocesso na ciência, pois está biologizando novamente o sujeito, e fazer isso é desconsiderar a existência de uma vida psíquica e a influência da sociedade na construção do sujeito.

O caminho para compreender a medicalização está na definição, pois consiste em definir e tratar a partir de um conceito médico, uma intervenção médica - esse processo sociocultural envolve a medicina enquanto profissão (CONRAD, 1992). Então, há um fenômeno que é visto, tratado, diagnosticado, rotulado e atravessado pela medicina de forma unilateral. Por isso, a medicalização vem sendo discutida ao longo dos anos por áreas das ciências humanas e sociais, por se caracterizar um fenômeno de grande complexidade.

O *National Institute on Drugs Abuse* (NIDA, 2011) aponta que a cultura do consumidor se resume a “tomar pílula para o que te aflige” e que a percepção é que medicamentos prescritos são menos prejudiciais que drogas ilícitas. Outro dado alarmante é o aumento de overdose não intencional por uso de medicamentos, como analgésicos opioides – que é um dos mais consumidos por jovens – a partir de 1999 e em 2007, superando os números de overdose de heroína e cocaína. Esses acontecimentos caracterizam um abuso de consumo de medicamentos por uma população jovem (NIDA, 2011).

Observa-se um contexto conturbado e complexo que inicia na adolescência e acompanha as outras faixas etárias dos sujeitos. De acordo com a *National Survey on Drug Use and Health* (NSDUH) (2010) o abuso de medicamento prescritos é maior entre jovens entre 18 e 25 anos de idade, ou seja, mesmo que haja prescrição do medicamento, não há garantia de que ele será administrado da forma correta pelo paciente, podendo estar exposto à diversas possibilidades de risco pelo consumo de medicamentos. As

questões que atravessam esse fenômeno estão presentes na vida em sociedade: produtividade, sucesso, bem-estar constante, metas inalcançáveis, ideal de felicidade, imediatismo, entre outros.

Para compreender tais acontecimentos é necessário voltar-se para o contexto da contemporaneidade, da medicina e, com o foco na pesquisa a ser produzida, a conexão com estudantes universitários. Mota e Pessanha (2014) destacam os principais grupos sociais que indicam metilfenidato. O primeiro lugar é ocupado pelos colegas da faculdade, o segundo por amigos, o terceiro por farmacêuticos, o quarto por médicos e o quinto por familiares.

Segundo Mota e Pessanha (2014), 93,4% dos estudantes, de farmácia e medicina, entrevistados começaram a utilizar o metilfenidato após o ingresso na universidade. Além disso, 79% dos estudantes conseguiram medicamento em drogarias e 89% conseguiram comprar o remédio sem receita. Os dados apontam para uma questão alarmante, onde estudantes estão iniciando o uso após a entrada na universidade.

Ademais, temos a questão da troca de informações entre estudantes que já são usuários e indicam os medicamentos para os demais, fazendo com que se crie uma rede relacionado ao uso instrumental desses medicamentos com a finalidade de aprimorar a cognição. Em virtude disso, torna-se preocupante que o metilfenidato seja um medicamento de fácil acesso, pois é possível adquirir sem receita em algumas farmácias.

Portanto, a universidade se torna o espaço central para descoberta do uso não-médico do metilfenidato. Isso faz com que estudantes que não estejam cumprindo as demandas de trabalhos, provas e demais atividades, busquem por uma saída: o metilfenidato. Por ser popularmente conhecido como um medicamento que trará foco e concentração para os estudos, os estudantes adotam esse discurso e utilizam como uma ferramenta que vai possibilitar que estudem o que foi demandado e que sejam produtivos.

Mota e Pessanha (2014) afirmam que 92% desses universitários utilizam o metilfenidato em época de prova e 8% utilizam para aumentar o rendimento em sala de aula e em estágios. Insônia, cefaleia, náuseas, euforia e irritabilidade, dor abdominal, desinteresse, choro, tristeza, tiques, tontura e diminuição de apetite são alguns dos sintomas de 86,6% dos entrevistados. Esses efeitos colaterais estão presentes na bula e são alguns dos efeitos relatados pelos estudantes. Outro estudo (MELO, SOUZA, 2020) também aponta que há presença do consumo de metilfenidato para maximizar a capacidade cognitiva após o ingresso no curso de Psicologia.

É como se o medicamento fosse dar ao discente algo que não tem, mas precisa ter para que permaneça na universidade e possa aprender e produzir. Esse ideal de sujeito produtivo, em busca de sucesso e que precisa ter alto rendimento é reflexo dos ideais capitalistas, onde o produtivismo e o sucesso estão acima de tudo. Como a universidade está inserida na sociedade que tem presente esse pensamento, acaba refletindo nas formas de funcionamento e como deve ser o rendimento dos alunos.

A alta demanda de conteúdos teóricos, de atividades práticas e de estágios da graduação em medicina pode ser um dos principais motivos para que alguns estudantes utilizem esse mecanismo para o aumento do rendimento. Outra hipótese é que por almejar uma futura profissão, socialmente vista como uma profissão de sucesso, de autoridade do saber, acabam buscando essa alternativa para que possam construir, desde a graduação, um alto nível de rendimento.

Conforme Collares e Moysés (1994), o ambiente escolar que reproduz uma aprendizagem normalizadora contribui para a criação de um espaço clínico que enfatiza os distúrbios e os erros. Isso reforça a patologização e a medicalização das crianças que estão em processo de aprendizagem e prejudica a construção da sua identidade. Segundo Silva, Shäfer e Bonfiglio (2013) isso não contribui para a melhoria nos índices de fracasso escolar.

Para Guarido e Voltolini (2009) a medicalização se dá como reguladora da subjetividade. O ambiente escolar deve contribuir para a construção da autonomia da criança e do adolescente a partir de práticas coletivas. Deve-se abrir espaços onde a criança e ao adolescente sejam protagonistas, onde eles possam ser ouvidos e assim fazer parte da escola com participação ativa.

Ao longo dessa Seção foi discutido sobre a relação entre aprimoramento cognitivo farmacológico no ambiente universitário, visando evocar reflexões sobre como ocorrem esses processos de busca, interesse e necessidade da utilização de medicamento para melhoria do desempenho cognitivo. Além disso, foi abordado sobre o modo de funcionamento da universidade e o seu impacto na vida do discente, principalmente do estudante de medicina, que segundo os dados apresentados acima, são os que mais utilizam esse tipo de mecanismo. A educação aparece como um pilar importante na constituição do sujeito e da sua subjetividade, logo, deve ser um espaço acolhedor e que compreenda as necessidades do discente para não se tornar um espaço que promova a patologização e a medicalização de sujeitos que estão em processos formativos. A seguir,

será apresentada a seção da metodologia, onde apresento como será a trajetória da coleta de dados e os autores que guiarão esse processo.

3. Crise na educação: impactos do neoliberalismo no ensino superior

Muitas questões que atravessam o ensino superior estão presentes ao decorrer da educação básica. Desde a estrutura da escola e seu modo de organização, seus métodos de ensino e a relação professor-aluno são pensados para reproduzir ideias e papéis sociais considerados socialmente aceitos. Dessa forma, a educação serve ao poder hegemônico por meio dos processos formativos instaurados na sociedade capitalista. A presença do neoliberalismo na educação molda a forma de organização, adequação e ensino da educação básica ao ensino superior. Temos sujeitos em formação e que servirão, futuramente, como mão de obra.

Esse processo histórico é marcado por diversos eventos políticos e sociais, inclusive no Brasil, pois a política é a base da estrutura da educação, ela guia como será a educação no país. No Brasil, passamos por um processo conturbado desde princípio. Os jesuítas, instaurando um regime de educação religiosa para dominação (MELO, 2012), castração e desenvolvimento de uma moralidade cristã inexistente na cultura indígena, sendo assim, foram anos de alienação e antropofagia para ideologizar os povos originários.

Um evento político e social que se destaca na história da educação do Brasil é o fim da ditadura. Aqui começa uma lenta mudança no cenário político e que vai refletir diretamente na educação do país. Resende (2006) aponta que há diversos cenários de transformações políticas no século XX, onde ocorreu um movimento dialético entre política e economia – da recessão de 1981-1983, a gradativa redistribuição de poder até a luta eleitoral formando a chamada sociedade civil. Deu-se início ao processo de transição democrática no país.

A mudança voltada para a educação de fato se dá com a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), em seu artigo 205, onde aborda que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A implementação da constituição possibilitou o surgimento de conquistas legais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e o Plano Nacional de Educação, que visam estabelecer condições para que a educação pública, gratuita e democrática possa ser consolidada oficialmente no país. Vale ressaltar que a democracia brasileira é recente, necessitando de mecanismos políticos, sociais e jurídicos para que ela seja garantida.

Além disso, Oliveira (2018) aponta que a Carta de 88 garante que o direito à educação não é somente o direito ao acesso e à permanência, mas também marca a questão da qualidade da educação oferecida como um dos princípios estruturais e basilares, presente no artigo 206. Através dessas leis temos a materialização dos direitos educacionais.

Partindo para as seguintes mudanças no cenário brasileiro, temos o período do Governo Collor. Marcado pela abertura dos processos neoliberais baseados na mais-valia, Collor assume a presidência com a proposta de modernizar o país – uma modernidade capitalista – propondo a reforma administrativa e a privatização (RESENDE, 2006). Outro acontecimento marcante no Governo Collor é o fortalecimento da perspectiva da educação profissional em 1991 como uma proposta do Programa de Apoio à Capacitação Tecnológica da Indústria (PACTI), propondo atender às demandas das inovações tecnológicas das empresas industriais (RESENDE, 2006). Vale ressaltar que a educação se apresenta como peça-chave da formação de mão de obra para a construção dos polos industriais no Brasil.

Dando um passo para o presente, temos o contexto educacional minado pelo mercado financeiro – da educação básica ao ensino superior. Na educação básica temos a presença da venda de livros didáticos e demais materiais, gerando lucros exorbitantes para o mercado, como aponta Oliveira (2009). Surgem também empresas de consultoria, como a P. R. Souza Consultores, do ex-ministro da educação, Paulo Renato Souza e a Lobo & Associados, do ex-reitor da Universidade de São Paulo, Roberto Leal Lobo e Silva Filho, entre diversas outras.

Dessa forma, temos o mesmo acontecimento no ensino superior: as instituições são vistas como empreendimentos lucrativos, entram no hall de investimos e passam a ser alvos de compra e venda de ações como demais empresas dos setores do comércio. No Brasil, tivemos a compra de diversos grupos educacionais por grupos estrangeiros, como o Grupo Pitágoras (rede educacional privada de Minas Gerais), era a terceira maior rede do país, que foi comprada por Apollo Internacional, tendo sua estrutura educacional completamente modificada, inserindo uma metodologia de ensino voltada para o mercado competitivo, como indica Oliveira (2009). Esse acordo foi desfeito anos depois, com a compra das ações pelo próprio Grupo Pitágoras. Esses acontecimentos percorrem o país até os dias de hoje, com a venda de algumas redes privadas, inclusive na cidade de Manaus/AM, como: Uninorte para o Grupo Laurete, Martha Falcão para o Grupo Wyden e assim sucessivamente.

Essas empresas internacionais entram no Brasil para formar mão de obra para o mercado, mais uma vez fica demarcado a educação como mercadoria, onde é priorizado a produção, o mercado, a educação profissionalizante, pensamento que já era presente desde o Governo Collor. As instituições de ensino estão nas bolsas de valores como se fossem apenas instituições lucrativas e não centros educacionais formativos, que podem promover um desenvolvimento integral de um sujeito crítico e pensante – as instituições de ensino são atravessadas, então, pelo neoliberalismo: formar para produzir – sendo caracterizada, como aponta Resende (2006), uma profissionalização compulsória.

As questões acima citadas também são características da pedagogia tecnicista. Para Freitas (2012), o tecnicismo se apresenta hoje mascarado com uma “teoria da responsabilização”, sob uma perspectiva meritocrática e generalista: uma educação como linha de produção baseada na psicologia behaviorista, onde se tem o controle do processo, bônus e punições – sob a ótica do que se denomina hoje como neotecnicismo. Essa responsabilização perpassa o processo formativo dos estudantes, implicando em questões como a cobrança por desempenho e sucesso comentados nas seções anteriores, impactando diretamente na saúde mental desses que estão em seus processos formativos.

Freitas (2012) afirma que o neotecnicismo se estrutura a partir de três categorias: responsabilização, meritocracia e privatização e dentro dessa estrutura, temos ao centro o controle dos processos para garantir os resultados definidos primariamente. Para Kane e Staiger (2002 *apud* FREITAS, 2012) a responsabilização se dá por um sistema que possui três elementos: testes para os estudantes; divulgação pública dos resultados; recompensas

e sanções. A meritocracia atravessa essa etapa, pois, dada a oportunidade, basta ter o esforço pessoal para que se obtenha o resultado, dentro dessa lógica.

Ao descrever esses processos, podemos observar que ele pode se similar ao processo formativo que temos dentro da universidade ainda hoje, pois a partir do momento que o conteúdo é exposto em sala de aula, ele já pode ser cobrado em prova e em demais atividades, pois entende-se que automaticamente o discente já assimilou o que foi ensinado e que fica por sua *responsabilidade* o resultado daquele assunto que foi passado em sala. Entretanto, sabemos que o processo de ensino-aprendizagem não se dá dessa forma por não se tratar de um processo simples.

MÉTODOS

Esta foi uma pesquisa de campo, descritiva e de cunho qualitativo, uma vez que, como esclarece Minayo (2012), aprofunda-se no universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, estudando um nível de realidade que não pode ser quantificado.

O trabalho de campo se constituiu em um processo permanente de estabelecimento de relações, na perspectiva de construir eixos relevantes do conhecimento, que possibilitaram a coleta de dados, por intermédio de narrativas de estudantes do curso de Medicina que utilizam mecanismos de aprimoramento cognitivo farmacológico.

A Epistemologia Qualitativa emerge perante as necessidades dentro da psicologia cultural-histórica, gerando uma reinvenção da subjetividade no que se refere às práticas profissionais do campo da psicologia e das pesquisas (GONZÁLEZ REY, 2005). A Epistemologia Qualitativa e a subjetividade são indissociáveis, fazendo com que a epistemologia acompanhe a produção teórica da pesquisa. Levando em consideração a complexidade da temática abordada, optou-se por utilizar esta metodologia para acompanhar o percurso do aprimoramento cognitivo farmacológico em estudantes de medicina da UFAM/Campus Manaus.

A pesquisa qualitativa proposta neste projeto se guiou pelos direcionamentos que González Rey (2001) postula em seus escritos que abordam sobre a pesquisa construtivo-interpretativo e busca pelo conhecimento da subjetividade, reconhecendo a importância dos seus processos construtivos. É na busca pelo conhecimento da subjetividade que se destaca o caráter teórico sobre o empírico, bem como a construção sobre a descrição. Para tanto, o percurso metodológico foi construído com os participantes da pesquisa, visando preservar integralmente os conteúdos coletados durante a aplicação do projeto.

O diálogo, aqui, foi um item essencial da pesquisa. É por meio dele que se evoca os processos subjetivos complexos, expressando suas implicações pessoais e tomando destaque na pesquisa a partir de suas construções próprias. Esta epistemologia possibilita um diálogo permanente com o pesquisador e dos sujeitos pesquisados entre si, trazendo riqueza para a pesquisa.

1. Contexto da Pesquisa

A Universidade Federal do Amazonas é centenária e possui mais de 20 mil alunos da graduação na capital e no interior. Nos cursos de Pós-graduação *Stricto-sensu* mais de 2 mil estudantes. Oferece mais de 70 cursos de graduação na capital e no interior do Amazonas. Na capital, adotou-se o sistema multicampi, onde a maioria dos cursos de graduação ficam localizados em uma área conjunta e os cursos de odontologia, enfermagem e medicina foram distribuídos pela cidade de Manaus. Situado na região amazônica, a área principal da universidade comporta 6,7 milhões de metros quadrados, tornando-se o terceiro maior fragmento de área verde do mundo e o primeiro do país.

Justifica-se o recorte de estudantes de medicina em função de que os dados de pesquisas (BARROS; ORTEGA, 2011; COLI; SILVA; NAKASU, 2016; CÂNDIDO *et al.* 2019b) apontam que são eles os que mais fazem uso instrumental do metilfenidato.

Esta pesquisa está vinculada a um projeto maior denominado 'Os significados das trajetórias de escolarização de jovens amazônidas' desenvolvido no âmbito do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia - PROCAD Amazônia, financiado pela CAPES, e que conta com a colaboração de três universidades: UFAM, UNIR E UNB. O projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas e possui parecer consubstanciado nº 4.082.840, CAAE 15366619.1.1001.5020.

O projeto guarda-chuva do PROCAD Amazônia visa pesquisar vivências de estudantes amazônidas no ensino superior e seus respectivos processos de escolarização para compreender as trajetórias de escolarização, as condições de socialização, vivências no ensino superior, a participação, o protagonismo e como a universidade responde às demandas desses estudantes.

2. Participantes

Foram selecionados seis estudantes para a realização de entrevista individual. Optou-se por essa quantidade de estudantes por considerarmos a viabilidade de análise do material produzido, dado o volume de dados a serem produzidos e os limites de tempo para realização do projeto. Este é um estudo em profundidade, o que justificou o trabalho com um pequeno número de participantes. Para contatar os alunos foram realizadas visitas ao centro acadêmico do curso de Medicina, pois foi o espaço que foi considerado melhor para conseguir realizar as entrevistas.

Foram incluídos participantes com idade igual ou maior que 18 anos, com matrícula ativa em 2022 e que concordaram em participar do estudo. Os critérios de inclusão foram: ser maior de idade; cursar Medicina na UFAM; cursando disciplinas a partir do terceiro período e fazer uso instrumental do metilfenidato ou outras formas de aprimoramento cognitivo. Essa escolha se deu pelos dados das pesquisas analisadas apontarem que os discentes de medicina são os que mais fazem uso de mecanismos de aprimoramento cognitivo, sendo mais comum a utilização da metade do curso em diante.

Foram excluídos os/as participantes que não assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); tiverem excesso de faltas; estudantes com diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) com prescrição médica do metilfenidato para tratamento. O diagnóstico do TDAH já é uma motivação para o uso de outra natureza do metilfenidato, não sendo possível analisar as implicações do aprimoramento cognitivo motivado pelo uso do medicamento.

3. Procedimento de construção dos dados

Os dados foram coletados em apenas uma etapa – a entrevista individual. Após concordar com a participação da entrevista, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para assinatura. A entrevista foi composta por perguntas sobre as vivências escolares, sobre como significavam o ambiente social da universidade, suas experiências acadêmicas e implicações destas para o seu processo de escolarização, bem como os mecanismos de aprimoramento cognitivo utilizados por esses estudantes.

Por ser uma entrevista semiestruturada, as questões apresentadas funcionaram apenas como um roteiro, algumas foram ou não utilizadas, dependendo do que o/a

entrevistado/a trouxe no seu discurso. Buscou-se, na entrevista, construir um espaço de compartilhamento, um momento de escuta das vivências, preservando a espontaneidade do discurso e suas subjetividades evocadas durante o diálogo.

O projeto foi desenvolvido com base nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, do Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12, e atendeu as exigências éticas e científicas fundamentais: Comitê de Ética e Pesquisa, TCLE, confidencialidade e a privacidade dos dados.

Durante a coleta de dados, caso houvesse constrangimento ou desconforto, seria suspensa a aplicação dos instrumentos de coleta de dados. A pesquisadora, enquanto psicóloga com registro profissional ativo, prestaria acolhimento de forma imediata. Feito o acolhimento, o participante seria encaminhado para o setor psicossocial da universidade, em prol do seu bem-estar. Entretanto, esse procedimento não foi necessário, pois não ocorreu nenhuma situação que demandava tal processo.

4. Análise interpretativa

De acordo com González Rey (2002), em uma entrevista individual, “o sujeito faz mais do que responder ante um instrumento, ele se expressa por meio dele, elabora e constrói sua experiência e a expressa de forma diferenciada mediante o indutor” (p. 82). Por isso, para Jacques (1993) é importante estabelecer um diálogo com o participante de uma forma não diretiva, permitindo um discurso livre mesmo seguindo um roteiro de perguntas durante a entrevista.

Os sistemas conversacionais, que segundo González Rey (2005), “permitem ao pesquisador deslocar-se do lugar central das perguntas para integrar-se em uma dinâmica de conversação que toma diversas formas”, com vista à autenticidade e naturalidade da relação. Ainda de acordo com o autor, “a conversação enquanto instrumento define o caráter processual da relação com o outro como um momento permanente de pesquisa.”

A pesquisa utilizou a perspectiva construtivo-interpretativa apresentada por González Rey (2002, 2005). Nessa perspectiva, o pesquisador, ao fazer a leitura do material, identificou os indicadores de sentido a partir do objetivo proposto na pesquisa.

Em seguida, foram interpretados e reunidos em categorias. Nesse processo, o pesquisador tem um caráter ativo e, por isso, os resultados não expressam apenas o objeto

de estudo, mas também o momento histórico do pesquisador e do sujeito participante da pesquisa, pois a construção do conhecimento é uma produção humana.

Em razão disso, os resultados encontrados devem ser vistos como dinâmicos e abertos a novas interpretações, rompendo com a concepção de resultados e universais que se esgotam em uma única pesquisa. Logo, a pesquisa acompanhou o fenômeno e suas respectivas complexidades naquele momento, não esgotando a temática e nem a riqueza de outras possíveis pesquisas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a produção dos resultados, foram entrevistados seis estudantes de medicina, a partir do terceiro período. Todos os estudantes estavam devidamente matriculados durante a coleta de dados e frequentavam as aulas assiduamente. Com base nas coletas, os resultados apontam para três categorias: (1) Mecanismos de aprimoramento cognitivo; (2) Autocobrança, desempenho e saúde mental do estudante; (3) Formação médica x formação de professores.

Os resultados encontrados apontam que há um consumo de substâncias que aprimoram e modificam a produtividade dos estudantes pesquisados. A principal substância consumida, segundo o relato dos/as estudantes, é o energético, utilizado para se manter acordado, visando sanar tarefas acadêmicas como realizar as revisões em períodos que antecedem as provas no decorrer do semestre ou anterior aos seminários. A cafeína também aparece como substância consumida diariamente pelos estudantes pesquisados.

Uma das questões que os entrevistados levantaram é que a extensa carga horária de disciplinas interfere diretamente em seu estado físico e mental, como sensação de exaustão, estresse e sentimento de incapacidade/insuficiência por sentir que não conseguem estudar tudo que deveriam estudar. Essa questão é latente e emergente, pois sinaliza que há diversas questões sociais, educacionais e políticas que atravessam a vida desses acadêmicos.

A fim de estruturar a discussão das categorias, chamaremos as/os entrevistados/as a partir dos nomes de: Apoena, Iracema, Araquém, Jaci e Ibotira. Os entrevistados Araquém, Jaci e Ibotira estão no quinto período e Apoena e Iracema estão no internato.

1. Mecanismos de aprimoramento cognitivo: a vigilância em cena

A primeira categoria se dedica ao consumo de substâncias que possibilitam o aprimoramento cognitivo desses estudantes. Com base nas entrevistas, a principal estratégia citada pelos estudantes é o consumo de energético, principalmente nos dias que

antecedem provas ou apresentação em seminários. Em segundo lugar, a cafeína – substância que já está inserida no cotidiano dos estudantes – e que é consumida rotineiramente, mas que relatam não sentir mais efeito “*para ficar acordado*” (*sic*), como citam os entrevistados Araquém e Jaci. Em último lugar aparece o consumo de metilfenidato relatado por apenas uma estudante, Jaci. Esse medicamento foi prescrito pelo psiquiatra com o objetivo de mantê-la acordada e dar disposição a fim de auxiliar no dia a dia da universidade, pois estava com dificuldade de acordar para as aulas, segundo relatou.

O entrevistado Araquém fala sobre o consumo de substâncias que atuam mecanismos de aprimoramento cognitivo não-farmacológico:

(...) Energético é assim, quando eu preciso e não posso dormir (...). Tipo, assim, às vezes pra prova, pra trabalho (...). Por exemplo, amanhã eu tenho que entregar meu Pibic, né?! Falta um pouco pra eu fazer, então acho que hoje eu tenha que dar uma viradinha pra fazer. (...) porque eu não costumo perder o foco tão fácil, costumo conseguir até a hora que eu vou dormir. O energético consegue fazer um efeito que eu consigo ficar por mais tempo acordado e ter aquele foco (*sic*).

Podemos pontuar que há uma relação direta entre as demandas da universidade e a busca por substâncias que possibilitem que o/a estudante se mantenha acordado para atender às demandas acadêmicas. Melo e Souza (2020) mostram em sua pesquisa que os estudantes também buscam estratégias não-farmacológicas de aprimoramento cognitivo, sendo o café, guaraná em pó e bebidas energéticas as alternativas que são mais utilizadas, sendo buscado também o piracetam¹.

Em concordância com esta pesquisa, temos os estudos de Barros e Ortega (2011) que apresentam dados importantes sobre a pressão social para melhorar o desempenho acadêmico. Na pesquisa mencionada acima, esta foi a categoria mais citada no grupo focal, a pressão social é algo que circunda a trajetória de formação desses estudantes. Os entrevistados comentam que há uma espécie de competição interna entre os estudantes relacionada ao desempenho, conhecimento e notas como uma forma de validação social.

O entrevistado Araquém quando questionado sobre os possíveis efeitos colaterais do consumo de energético:

¹ Piracetam é um é um farmacoterapêutico, classificado como nootrópico, que é vendido com a ideia de auxiliar na aprendizagem ou melhorar a memória (PURIFARMA, 2022).

(...) depende, depende. Tipo, (...), eu passei a noite todinha estudando e eu tomei uma garrafa de um litro de energético e no outro dia fiquei me tremendo um pouquinho, mas foi só uma vez mesmo. Eu costumo tomar só uma latinha e passo a noite estudando.

Apesar do efeito colateral que poderia ocasionar consequências fisiológicas, Araquém continua consumindo bebidas energéticas para se manter acordado e com foco para estudar, podendo gerar efeitos colaterais imprevisíveis futuramente. Outra questão percebida, é que os estudantes entrevistados utilizam mecanismos de aprimoramento cognitivo e nem sempre se dão conta que são estratégias para obter o foco nos estudos, principalmente em momentos de exaustão, mas que ainda assim precisam estudar para obter bons resultados.

Além disso, a cafeína é comentada por todos os estudantes entrevistados. A maioria dos estudantes afirmam que consomem cafeína ao longo do dia, várias vezes ao dia em pequenas quantidades, mas ao mesmo tempo afirmam que não faz mais efeito e que não podem ficar sem consumir cafeína por sentirem dores de cabeça. Isso aponta para um consumo rotineiro e um sinal de abstinência da substância. De acordo com Ferreira e Queiroz (2020), a cafeína previne ou alivia a sonolência de forma temporária, resultando em um estado de alerta.

A entrevistada Jaci aborda sobre o consumo de cafeína, em seu cotidiano, associado aos estudos desde o período pré-vestibular até o momento:

Eu sinto muito sono. Na época que eu fazia vestibular, eu dormia três, quatro horas por dia. Acho que eu tenho no meu subconsciente que eu não quero ficar cansada como eu ficava naquela época porque eu desequilibrava, cara, acho que eu nem tomava água, só tomava café. Tomava café de manhã, café nove horas, café depois do almoço, café duas horas, café à noite, sete horas e quando chegava em casa tomava café de novo. Eu nunca tomei remédio pra ficar acordada, nunca tomei ritalina, nunca gostei de tomar energético, mas a cafeína, tipo, minha mão suava. Meu olho ficou até com tremores assim, fortes, fiquei uma semana mal. O médico pediu até pra eu dar um tempo pra não ter um treco. Hoje acho que nem faz mais efeito, (...) tomo todo dia, se eu não tomar fico com enxaqueca. Inclusive, estou com enxaqueca agora porque não tomei café. Eu tomo de manhã e tomo de uma aula pra outra. Vou tomar quando sair daqui.

Jaci traz o relato da sua experiência com a cafeína desde o pré-vestibular. Isso demonstra que a busca por estratégias de melhoramento e aprimoramento cognitivo pode ocorrer antes do ingresso na universidade. Além disso, percebe-se que ao decorrer do relato há um consumo acentuado de cafeína, chegando até a causar consequências fisiológicas, como a sudorese e o tremor ocular, caracterizando um efeito colateral do consumo excessivo do estimulante. Apesar de vivenciar esse momento, a estudante permanece utilizando a cafeína como estratégia de aprimoramento não-farmacológica, demonstrando também que há sintomas de abstinência, caso a substância não seja ingerida.

Por ser um psicoestimulante, a cafeína, em doses moderadas, pode alterar o sono e humor, interferindo, inclusive, no ciclo circadiano. Consequentemente, a cafeína pode impactar nos processos cognitivos, em sua performance e disposição (FERREIRA; QUEIROZ 2020). Um ponto importante para ser destacado é que os entrevistados apontaram que a rotina estressante e exaustiva de estudos e consumo de estimulantes iniciou no período pré-vestibular até o ingresso na universidade. Ao ingressarem na universidade, a rotina de estudos se intensificou por conta das disciplinas e altas cargas horárias na universidade.

Compreende-se que a dinâmica da academia impulsiona os estudantes para esse caminho, fazendo com que eles recorram a esses métodos. Ao ouvir os relatos, os estudantes normalizam e banalizam o consumo excessivo de cafeína e de energético para sustentar a rotina exaustiva de disciplina e de estudos. Além disso, também é normalizado os efeitos colaterais vivenciados por esses estudantes que apresentaram consequências do uso, variando entre justificar o consumo ou afirmar que foi apenas uma vez que ocorreu, talvez por medo de julgamento.

Deste modo, esses dados coadunam um estudo que afirma em relação à medicalização no contexto universitário que a sociedade do desempenho, que valoriza o lucro em detrimento da saúde mental, busca alcançar seus objetivos por meio do uso de substâncias químicas para aumentar a concentração e a capacidade produtiva. Essa busca por potencialização química dos resultados reflete a necessidade de atingir altos níveis de produtividade e eficiência, em uma sociedade que prioriza o desempenho como medida de sucesso. Nota-se, que a busca incessante por produtividade e melhor rendimento das pessoas tem gerado uma sociedade na qual é imperativo explorar-se a si mesmo como

forma de realização, uma vez que se impõe em todos os âmbitos a necessidade de obter sucesso e ser perfeito (ALVARENGA; DIAS, 2021).

Esses acontecimentos demonstram que os estudantes buscam estratégias adaptativas para se manterem produtivos na universidade, mesmo que precisem enfrentar consequências, nem sempre previsíveis, desses mecanismos. Buscar alternativas para se manterem produtivos está vinculado à autoestima do estudante, impactando também na sua relação com os outros estudantes e com os seus docentes.

Por ter uma relação entre desempenho nos estudos e produtividade, os estudantes acabam buscando essas alternativas para atingir êxito nos estudos por ter no imaginário social que há uma relação direta com notas altas/conhecimento-estudantes com destaque-profissional de sucesso, podendo sacrificar sua saúde física e mental para que esses ideais se mantenham, pois de forma natural (sem utilizar aprimoramento cognitivo) não é possível atingir tais metas.

De maneira geral, entre os entrevistados, apenas uma estudante (Iracema) utilizou metilfenidato prescrita pelo psiquiatra para auxiliar na rotina da universidade. Ela relatou que estava se sentindo cansada, sem energia e com dificuldade para acordar para ir à universidade e assistir às aulas, por isso, o psiquiatra achou coerente a prescrição do medicamento. Os demais participantes utilizaram apenas cafeína e energético como recursos de aprimoramento cognitivo. Por sua vez, identifica-se a busca por recursos que melhorem o prolongamento da capacidade cognitiva e a vigilância mental entre os estudantes universitários.

Dito isso, seguiremos para a segunda categoria que aborda a necessidade e a demanda por bons resultados, reprodução de ideais de sucesso desde a vida acadêmica para refletir na vida profissional e o impacto desses ideais na saúde mental do estudante. Os entrevistados relatam acontecimentos na relação docente-discente, a cobrança para que haja um bom desempenho nos estudos e o estresse ocasionado pelos estudos.

2. Autocobrança, desempenho e saúde mental do estudante

A segunda categoria está relacionada aos ideais de desempenho e de sucesso que os estudantes apresentam em seu discurso. As falas apontam para uma visão de que eles não estudam o suficiente, que precisam ficar sem dormir para conseguir integralizar todos os conteúdos apresentados pelos docentes e que serão cobrados em avaliações. A

necessidade de fazer revisões após as aulas é bem demarcada nas falas dos entrevistados. Uma questão que vale a pena destacar é que todos os entrevistados apontam a saúde mental como uma temática latente em sua vida acadêmica. Três estudantes relataram que após o ingresso na academia, entraram em sofrimento psíquico, desencadeando episódios de ansiedade e depressão, precisando recorrer ao acompanhamento psiquiátrico e à intervenção medicamentosa, bem como acompanhamento psicológico.

Para pensar essa questão, trago a fala do Araquém, estudante do quinto período do curso de medicina:

Eu tenho aula todos os dias de sete da manhã até oito da noite, exceto na terça-feira que é de sete às dez (da noite). Esse período, se você perguntar do pessoal, é o mais estressante. E que se você for perguntar do pessoal tem muito burnout, ansiedade, desencadeia até depressão. Mas o primeiro, segundo, terceiro e quarto não foram difíceis de levar, esse que eu sinto mais cansaço agora. Tipo, quando você chegou, eu tinha acabado de acordar, então é um período bem cansativo mesmo (sic).

O entrevistado afirma que há uma sobrecarga muito grande no quinto período e que é recorrente que outros estudantes apresentem questões voltadas para a saúde mental, como crises de ansiedade, depressão e burnout. Araquém, além de fazer nove disciplinas, também participa de projetos da faculdade, que aumentam ainda mais a demanda de estudos, leitura, dedicação e, conseqüentemente, o cansaço. Esse pode ser um dos fatores que ocasionam a sobrecarga e o adoecimento físico e mental desses estudantes.

As pesquisas de Conceição *et al.*, (2019) e Lourenço *et al.* (2021), apontam que há um adoecimento dos estudantes de medicina, sendo maior nos que estão no período de conclusão, o que pode ser destacado na fala do entrevistado Araquém. Alves *et al.* (2010) apontam que, possivelmente, os seis anos da trajetória acadêmica podem impactar na qualidade de vida dos estudantes e isso tem sido uma hipótese dos resultados das avaliações que mostram o declínio dos domínios psicológicos do estado de saúde.

Em consonância a isso, trazemos um relato da Apoena, onde apresenta as conseqüências por ter passado por um período de privação de sono para conseguir estudar e dar conta das demandas da universidade:

Quando eu tô com sono, eu vou realmente dormir, não fico forçando. Quando eu tava na graduação, eu me forçava por causa das provas. Agora eu não tô porque eu acho que vai me prejudicar. Então, eu não fico querendo ficar acordada até tarde pra estudar. Eu tento organizar o outro dia pra estudar, mas não tento mais ficar acordada. Só antes que eu fiz isso, mas também foi muito ruim pra mim, então, eu aprendi a lição. Foi uma época dos primeiros períodos, (...) que eu ficava fazendo muito isso, eu acho que pode ter sido isso. Quando

eu perco muito sono eu já percebi que eu fico muito instável emocionalmente, com tudo. Foi uma das causas que me levou que eu tive que acompanhar no psiquiatra, tive que trancar algumas matérias, eu não tava mais conseguindo levar. Eu acho que foi muito pela privação de sono, por eu ter ficado sozinha, minha família ficou longe. Eu fiquei bem mal. Foi por esse motivo que eu atrasei um pouco na faculdade. Aí, meio que eu não faço mais isso, por questão de saúde mesmo (sic).

Essas questões apresentadas referendam ainda mais as problemáticas apontadas pelos estudantes nas entrevistas em que relaciona a rotina exaustiva de estudos, provas, demanda de produtividade com o adoecimento. Conceição *et al.* (2019) apontam que a caracterização do adoecimento está ligada aos condicionantes sociais - institucionais, grupais e coletivos - que constituem o adoecimento no acadêmico de medicina. Por isso, pode-se perceber que diversas pesquisas apontam diversas hipóteses causais para explicar esse adoecimento, o estresse, apontando para a relação entre formação em medicina-sujeito-adoecimento (CONCEIÇÃO *et al.*, 2019).

Todos os entrevistados apontam um descontentamento com o seu nível de produção e de estudos. Inclusive a entrevistada Jaci, que relata:

De rendimento, assim... não é o que eu queria, não. É muita coisa. Em tese, eu tenho que ver o que eu vi o dia todo e não dá. Aí, eu acabo vendo só metade e eu fico muito cansada, (...) e eu não estudo. (...) Eu tento estudar no fim de semana e fica tudo acumulado, fica uma loucura. Aí, quando chega perto da prova, a gente engole o conteúdo de um dia pro outro. Só pra fazer a prova mesmo. (...) Ir além não dá porque é muita coisa. Querendo ou não, a gente estuda mais pra prova do que pra vida e isso é frustrante. (...) Eu vou bater de frente por quê? Cara, eu vou só passar esse período e vida que segue. Não tem muito diálogo não (...). É desse jeito e é desse jeito.

Essa estrutura de formação intensifica o sentimento de culpa, o sofrimento e o adoecimento, bem como o questionamento sobre a capacidade de desempenho e expectativas que os estudantes criam sobre a sua formação. Além disso, os entrevistados afirmam que há uma competitividade entre alguns estudantes por conta das notas e do desempenho positivo nas disciplinas, bem como na relação com os professores. Esses conflitos com os professores se dão por exigirem dos estudantes pagamento dos almoços ou para levarem café da manhã, tendo um cerceamento das turmas ou dos estudantes que não concordam com essa prática, demarcando a relação de poder entre professor e aluno.

O desempenho nos estudos é uma temática latente nas entrevistas, dito isso trazemos a fala da estudante Jaci e Iracema para refletir como os estudantes se veem a partir do seu desenvolvimento acadêmico, podendo ser um gerador de estresse, ansiedade e tendo impacto na saúde mental.

Jaci

Tá uma merda. Tá bem ruim porque esse semestre eu tô fazendo nove matérias. E eu fico me cobrando porque meu currículo não tá bom, porque “ah, eu tenho que entrar em mais ligas. Ah, eu tenho projetos, eu tenho que fazer um projeto” e eu nem quero ser pesquisadora, mas eu sei que eu preciso ter isso no currículo. “Ah, eu tenho que fazer isso e fazer aquilo”. Eu fico me preocupando com coisa que eu tenho que fazer, mais as que eu já tenho que fazer e tudo isso me deixa perturbada. Penso tanta coisa que eu não faço nada.

Iracema

Quando eu entrei, eu não sabia estudar do jeito que eu deveria estudar e não rendia tanto. E as minhas notas não eram satisfatórias, não pra faculdade, mas pra mim. Eu me cobrava muito. Cada vez que eu me cobrava mais, eu ia me atrapalhando mais, as minhas notas começaram a piorar e eu comecei a ter estresse muito, muito grande. Foi quando eu tive problema com sono, eu fiquei três dias sem dormir, sem nada. Eu podia tomar qualquer medicação, eu não dormia mesmo, depois desses três dias, eu passava dois dormindo direto. Só acordava pra ir ao banheiro. Aí, me prejudicava na faculdade, era prejudicada em relação ao horário, presença por conta desse estresse. Eu era bem estressada, foi uma época que eu engordei muito, eu perdi muito cabelo, minha pele ficou bem ruim, (...) tive problema de todo jeito, minha menstruação ficou desregulada. Tudo por conta desse estresse. (...) Eu não descansava, nem nas férias eu descansava, eu tava sempre me metendo em alguma coisa. Eu sempre achei que eu não podia parar. Se eu parasse, eu não tava sendo produtiva e eu não merecia tá na faculdade.

Iracema tem um diagnóstico psiquiátrico e faz acompanhamento por conta do uso de psicotrópicos. Além da sobrecarga do transtorno, também precisa lidar com o estresse por conta da dinâmica da faculdade. A fala da Iracema retrata fielmente o pensamento dos estudantes sobre o merecimento de pertencer à universidade. Dito isso, qual é o papel da universidade frente à essa pressão social que os estudantes enfrentam? A universidade

influencia ou incentiva de alguma forma esse processo? O que tem sido feito para que o processo formativo em medicina não seja acompanhado pelo adoecimento físico e mental dos estudantes?

A associação entre produzir e merecer estar na faculdade é algo que impacta diretamente a saúde mental do estudante, quando há um questionamento de suas capacidades, habilidades, conhecimento, mirando o futuro enquanto profissional. Como foi dito anteriormente, foram ditas coisas de maneira informal após as entrevistas. Uma das coisas que Iracema destaca, é que em seu período de crise, um dos docentes afirmou que uma pessoa “doente/louca” não poderia ser estudante de medicina, que a universidade não é lugar para pessoas assim. Esse acontecimento marcou e piorou o quadro de saúde mental de Iracema, que passou por questionamentos se deveria estar ali ou não.

Em 2015, a revista ABC News divulgou uma notícia sobre a morte de estagiários de psiquiatria. Ao decorrer da entrevista, o médico responsável pelo programa de saúde mental afirma que havia um canal de denúncia para notificar os profissionais que estavam doentes, para que eles fossem afastados. Além de ser uma prática problemática em diversos pontos, incluindo o sigilo, há também um reforço do estigma sobre o adoecer entre os próprios profissionais. Esse acontecimento traz a reflexão sobre o futuro que os estudantes podem enfrentar. O estigma do adoecimento, a questão de esconder o sofrimento, podendo levar, inclusive, ao suicídio, são situações para pensar a formação e o exercício da profissão. Entretanto, se pensarmos em estratégias para amenizar ou reduzir os danos desses processos, a graduação seria uma peça-chave aqui.

Destarte, a construção social da profissão médica como um profissional nobre que salva vidas, que se doa, que terá uma carreira de sucesso pode gerar pressão e expectativas talvez inalcançáveis e contraditórias, podendo gerar frustrações (CONCEIÇÃO *et al.*, 2019). Em suma, como há uma alta prevalência de adoecimento psíquico, é possível pensar em espaços que promovam o acolhimento desses estudantes, oferecendo acompanhamento psicológico visando a promoção da saúde mental e a prevenção ou a redução do impacto do estresse da formação.

Além disso, é importante sensibilizar sobre o processo de adoecimento, pois, por se tratar de um curso na área da saúde, há no imaginário social que não podem adoecer ou demonstrar fragilidade, pois serão profissionais que vão tratar/curar pessoas adoecidas, como se fosse uma espécie de contradição ou paradoxo. Por isso, seria importante iniciativas como essas, partindo da instituição de ensino superior, visando discentes e docentes.

Desse modo, entendemos que é necessário pensar sobre esse fenômeno no ensino superior. Pensando na dinâmica da graduação em medicina e a promoção da saúde mental e física do estudante, pois um processo formativo não pode sacrificar a saúde do discente. Dito isso, é necessário pensar no que pode ser feito pela universidade para pensar esse processo. Portanto, será trabalhado na terceira categoria a questão da formação médica e da formação docente. Apenas a graduação desenvolve as habilidades necessárias para que os profissionais atuem como docentes?

3. Formação médica x formação de professores

A terceira categoria aponta para a importância da formação de professores na formação médica, pois todos os entrevistados relataram que há uma lacuna na didática de alguns docentes e seus métodos de ensino e que isso impacta diretamente na assimilação do conteúdo e no seu desempenho na disciplina. A relação discente-docente aparece como uma questão que impacta diretamente o sentimento de pertencimento desses discentes e a forma como eles idealizam o seu processo formativo, visualizam seu futuro enquanto profissionais, podendo gerar episódios de estresse e frustração.

A entrevistada Jaci relata um acontecimento que ocorreu em sua turma durante o semestre:

Eu to tendo uma matéria que é muito difícil (...). Ele (o professor) é muito carrasco. Ele pediu pra gente fazer uma coisa semana passada e (...) ele falou “o que vocês estão fazendo é pouco, se vocês ficarem nessa, vocês vão ser a média e não se modulem pela média”. E tem um lado ruim de ser cobrado desse jeito, mas é a realidade. A vida não vai cobrar leve com a gente, entendeu? Então, assim, (...) tem a metodologia do professor, (...) a gente tá cansado, com sono, tem tudo isso. Tem que pagar almoço pro professor, tem que levar bolo, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo (...).

Percebemos que a relação discente-docente é rodeada de conflitos. Há expressamente uma relação de poder demarcada aqui. Onde o discente ocupa um papel de subserviência, não pode questionar, precisa acatar as demandas docentes, causando problemas no ambiente universitário e no processo formativo dos discentes. Fazemos a correlação desses acontecimentos com a lógica produtivista e meritocrática sustentada

pelo neoliberalismo. Nessa perspectiva, o sujeito é somente mais um na linha de produção, não importando suas demandas e necessidades, sejam elas referente ao processo de ensino-aprendizagem ou à saúde.

A educação médica ganha essa roupagem tecnicista ao ser atravessada pelos interesses mercadológicos do sistema socioeconômico hegemônico - capitalismo. Isso faz com que questões de competitividade, individualismo sejam reforçadas ao decorrer da formação como uma exigência invisibilizada, os estudantes reproduzem esses comportamentos como uma forma de atender às expectativas sociais que são impostas, como afirma Lima, Domingues e Ramos (2006). Por isso, as instituições que propõem o ensino médico devem pensar criticamente a sua estrutura e organização, idealizando uma formação que não promova o adoecimento psíquico de seus discentes.

Para compreender a proposta do curso, foi estudado o Projeto Pedagógico Curricular - PPC (2010) do Curso de Graduação em Medicina da UFAM que traz o termo “estratégias didáticas” e “metodologias ativas” para falar sobre metodologias de ensino que auxiliem o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes do curso de graduação, o que não coincide com os acontecimentos relatados pelos estudantes. Além disso, o documento propõe uma abordagem que rompa com ideais positivistas, visando acompanhar os processos educacionais da modernidade, onde é postulado que o raciocínio e pensamento crítico serão priorizados ao longo da formação. Entretanto, o relato dos estudantes caminha na direção contrária. Os discursos dos estudantes apontam para práticas e didáticas tradicionais, onde os professores apresentam discursos meritocráticos, incentivando a competição, a individualidade e a ideia de “força de vontade” para se destacar dos demais para que seja conquistado alguma espécie de reconhecimento.

Para os docentes há uma relação direta entre obediência e aprendizagem, pois o aluno considerado “bom” é o aluno que corresponde de forma subserviente e passiva às ordens do professor (SILVA, 2017). Esse equívoco compromete a relação professor-aluno, fazendo com que haja conflitos no ambiente acadêmico, pois, em ambientes autoritários, os alunos que não performarem passividade poderão passar por punições. Esses acontecimentos fazem com que os estudantes criem estratégias adaptativas para não se prejudicarem e não serem punidos pelos docentes, como o fato relatado pela entrevista, em que compartilha a necessidade de comprar almoço ou levar bolos para o professor.

A problemática desses discursos neoliberais impacta o processo formativo por fazer com que o estudante compreenda que a formação depende apenas do seu esforço ou

por algum tipo de mérito/esforço próprio, sendo que com base nas teorias de aprendizagem - de Vygotsky (1991), Freire (2008) e outros -, o processo de ensino-aprendizagem depende de diversos fatores - sociais, ambientais, físicos, psicológicos, econômicos e políticos. Por isso, não se pode simplificar o aprender como apenas uma capacidade de esforçar-se para que se adquira o conhecimento.

Essas questões dialogam diretamente com o processo formativo dos próprios docentes. A ideia de “quem sabe, também sabe ensinar” é o predominou no ensino superior por algum tempo, como se a prática docente fosse simplesmente apenas obter o conhecimento (MASETTO, 2010; FONSECA; BARBATO; BAGATIN, 2020). Para além do ensino superior, deve-se obter formações continuadas para que se possa considerar habilitado para a prática docente, como forma de possibilitar um processo de ensino-aprendizagem de qualidade para os discentes.

Paulo Freire (2002, p. 31) traz diversas reflexões sobre como pode ocorrer um processo formativo onde professor e aluno tenham uma relação de respeito, incentivo e transformação. O autor também reflete criticamente sobre posturas autoritárias na prática docente:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É neste sentido que o professor autoritário, que por isso mesmo afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto, tanto quanto o professor licencioso rompe com a radicalidade do ser humano – a de sua inconclusão assumida em que se enraíza a eticidade. É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos.

Como traz em seu tópico seguinte, Freire (2002, p. 31) afirma que “ensinar exige bom senso”. O ato de ensinar dialoga com o ato de transformar. O professor acompanha

o processo de transformação, de descoberta do estudante. Ele é um mediador. Entretanto, para que isso ocorra de forma saudável, o professor precisa fazer uma reflexão rigorosa do seu bom senso. Como aponta Freire (2002) ensinar exige humildade e tolerância. É um exercício, regular-se para que se possa mediar o aprender do outro, da mesma forma que também é um exercício de humildade e tolerância aprender. Ambos são processos complexos.

Portanto, ensinar exige - para além da humildade, da tolerância e do bom senso - uma formação voltada para o desenvolvimento das habilidades do professor. Ensinar é um processo complexo, pois diversos fatores vão implicar no processo de ensino-aprendizagem daquele estudante. Os fatores sociais, históricos, psicológicos e econômicos podem interferir ou implicar no aprender, podendo demandar outra dinâmica ou outras metodologias de ensino para aquele estudante.

Pensando em mediar o processo de ensino-aprendizagem na formação médica, têm sido propostas outros tipos de metodologias, que utilizem o protagonismo e a interação com os estudantes para que os mesmos se envolvam com as temáticas trabalhadas. As chamadas metodologias ativas visam envolver o aluno e trabalhar a partir de situações problema, para proporcionar uma reflexão crítica e mobilizar o aluno a encontrar a solução desse determinado problema (MACEDO *et al.*, 2018).

Júnior e Maknamara (2019) apontam que o uso de metodologias ativas na educação médica surgiu como uma forma de superar o flexnerianismo, que de base defende ideais biologicista e mecanicistas. No que se refere às práticas tradicionalistas, as críticas se voltam para a visão do professor como o profissional que transmitirá o conteúdo, porém, como afirma Silva (2020) apenas a transmissão de conhecimentos técnicos não faz com que o estudante melhore seu desempenho e compreenda os conteúdos.

A proposta de metodologia ativa voltada para a educação médica que mais se destaca é a Aprendizagem Baseada em Problema (ABP). Ela surge com a proposta de envolver o aluno no problema ou fenômeno social para pensar criticamente sobre ele, como afirmam Júnior e Maknamara (2019). De acordo com esses autores, essa proposta tem como base os postulados de Dewey, quando aborda sobre educação democrática e de Paulo Freire quando aborda sobre a educação libertadora. Entretanto, essas bases defendem primordialmente o senso crítico, ético e político na educação, logo, não podemos adaptar suas teorias para estruturas educacionais produtivistas na prática, onde podem produzir adoecimento, esgotamento e estresse nos discentes.

Portanto, compreende-se que a necessidade de realizar mais pesquisas voltadas para a estrutura de ensino na faculdade pesquisada, visando entender como se dá o ensino, incluindo o processo avaliativo - que foi muito destacado nas falas dos estudantes por conta do alto quantitativo de provas por disciplinas, somado aos trabalhos e seminários que são realizados ao longo do semestre. Em suma, os estudantes relatam que há uma necessidade muito grande de revisar os conteúdos após as aulas e que isso conflita com a quantidade de aulas ao decorrer da semana, sinalizando a necessidade de pensar sobre as metodologias e sobre a estrutura do curso como um todo.

CONCLUSÃO

Discutiu-se neste trabalho, dados acerca da pesquisa com estudantes de medicina da Ufam. Embora alguns estudantes estejam em períodos diferentes, eles apontam situações comuns que são emergentes no curso e que podem contribuir para a compreensão do aprimoramento cognitivo como uma estratégia adaptativa enquanto recurso para permanecer na universidade. Além disso, os discursos apontam para a questão do adoecimento psíquico em meio à formação, decorrente da demanda excessiva de produção em forma de provas, leituras e demais formas de trabalho acadêmico.

Os resultados da investigação apontam que há uso dos mecanismos de aprimoramento cognitivo não-farmacológico principalmente, por meio de estimulantes como a cafeína e energético, o mecanismo farmacológico aparece em menor destaque, com o consumo do metilfenidato.

Os aspectos que permeiam o uso de mecanismos de aprimoramento cognitivo são voltados para a rotina de estudos exaustiva dos estudantes, que possuem extensa carga horária de disciplinas obrigatórias, fazendo com que eles permaneçam por muitas horas na universidade. Além disso, os estudantes relatam que há uma demanda grande de revisões após as aulas, fazendo com que fiquem sobrecarregados, para além de estudarem para provas e seminários. A partir dos relatos, percebemos que há a necessidade de repensar a formação médica, pois, formar-se não deve adoecer. É possível promover o conhecimento e desenvolver as habilidades de um profissional de saúde, sem que haja o adoecimento desse sujeito.

Em suma, acreditamos que o fenômeno pesquisado possui diversos desdobramentos para além das questões individuais, portanto, é importante realizar pesquisas com coordenadores de cursos e docentes dos cursos de medicina para que se compreenda o fenômeno de forma mais completa. Além disso, também há a possibilidade de estudar alternativas para lidar com o estresse e a ansiedade frequentemente relatadas pelo/as estudantes.

Somado a isso, acreditamos que seria importante a pesquisa com os docentes para compreender a rotina de trabalho e estudos, compreender as concepções e modelos de formação médica bem como se há e como ocorre na formação médica a preparação para a docência. Essa seria uma forma de compreender como os atuais docentes se

qualificaram para o ensino, identificando lacunas e necessidades de apoio institucionais para qualificação docente. Outro tema sugerido para pesquisas futuras são as metodologias predominantes no curso uma vez que se identifica incongruência entre proposta pedagógica e prática docente.

A partir do exposto, considera-se importante pensar a importância da formação de professores na formação médica, pensando em enriquecer o processo formativo dos discentes, otimizando o cotidiano acadêmico. Além disso, a saúde mental dos discentes precisa ser assistida, pensando que a permanência no curso não deve produzir processos de adoecimento e sofrimento, como foi citado pelos estudantes.

Essas questões se articulam ainda com a identidade da medicina como profissão e sua proximidade com uma perspectiva neoliberal. A quem serve a medicina? Quem pode permanecer em uma formação com extensa carga-horária de disciplinas, essas questões geram exclusão e um filtro de quem pode acessar e permanecer no curso, algo que ocorre desde o vestibular, dada a alta nota de corte para ingressar no curso. A questão destacada é que é necessário repensar a formação médica e repensar o papel do estudante de medicina, como sujeito passivo, receptor dos conteúdos transmitidos pelo professor.

O que se faz necessário, é uma formação médica que tenha compromisso social com as demandas urgentes da sociedade. Uma sociedade desigual, onde há poucos profissionais habilitados, mas com muita demanda de promoção de acesso universal aos serviços da área da saúde. Nessa perspectiva, a formação médica deve considerar o/a estudante de medicina como um sujeito que está se preparando para oferecer cuidado, tratamento e acolhimento para outras pessoas. Entretanto, isso não anula a possibilidade de adoecimento desse sujeito agente do cuidado. É importante que, no espaço universitário, haja diálogos sobre isso, a necessidade de compreender quando se está adoecido psicologicamente, possibilitando que o estudante, bem como o docente, seja incentivado a buscar ajuda de outros profissionais, como psicólogos ou psiquiatras para auxiliar no seu cuidado, rompendo com a ideia de que profissional da saúde não adocece e é intocado pelos movimentos da vida e da profissão.

REFERÊNCIAS

A História da Psicopatologia no Brasil. Benilton Bezerra. Café Filosófico, 2013. Duração: 92 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k4T4DZux6hk>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

ABC Radio Melbourne. A morte de quatro estagiários levanta questões sobre a intensidade do estudo. ABC News, 2015. Disponível em: https://www.abc.net.au/news/2015-02-03/concerns-raised-about-mental-health-of-medical-workers/6065438?utm_campaign=abc_news_web&utm_content=link&utm_medium=content_shared&utm_source=abc_news_web. Acesso em: 23 jun 2023.

Aditivos para a mente. Revista Isto é. 28 jan 2009. Ed. 2721 18/03. Disponível em: https://istoe.com.br/6040_ADITIVOS+PARA+A+MENTE/. Acesso em: 10 mar 2022.

ALMEIDA, Argus Vasconcelos de; MELO, Hélio Fernandes de. Biologia educacional, eugenia e higienismo: o processo de medicalização do espaço escolar no Brasil. Revista Eletrônica Arma da Crítica, Fortaleza, ano 10, n.13 p. 153-177, maio 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/60893>. Acesso em: 20 dez 2022.

ALMEIDA, Argus Vasconcelos de; MELO, Hélio Fernandes de. Biologia educacional, eugenia e higienismo: o processo de medicalização do espaço escolar no Brasil. Revista Eletrônica Arma da Crítica, Fortaleza, ano 10, n.13 p. 153-177, maio 2020.

ALVARENGA, R.; DIAS, M. K.. EPIDEMIA DE DROGAS PSQUIÁTRICAS: TIPOLOGIAS DE USO NA SOCIEDADE DO CANSAÇO. Psicologia & Sociedade, v. 33, p. e235950, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dGQxFtnrJ4cdrwvDzMnpwjc/#>. Acesso: 03 jun 2023.

ALVES, J. G. B. et al.. Qualidade de vida em estudantes de Medicina no início e final do curso: avaliação pelo Whoqol-bref. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 34, n. 1, p. 91-96, jan. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/7W8nxFWDnnPwvRrqSpMcSpD/?lang=pt#>. Acesso em: 28 jun 2023.

ANDIFES. V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2021/07/Clique-aqui-para-acessar-o-arquivo-completo.-1.pdf>. Acesso em: 19 abril 2022.

ANVISA. Portaria 344. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/hotsite/talidomida/legis/Portaria_344_98>. Acesso em: 03 jan 2022.

ARAÚJO, Ana Ruth Silva de. Projeto Político Pedagógico - Medicina. Universidade Federal do Amazonas/Manaus, 2009. Disponível em: <https://www.home.ufam.edu.br/dcc1/joomla/Projeto%20Pedag%C3%B3gico%20Curso%20de%20Medicina.pdf>. Acesso em: 30 jun 2023.

ARRIA et al. "Perceived harmfulness predicts nonmedical use of prescription drugs among college students: Interactions with sensation-seeking". *Prevention science: the official journal of the Society for Prevention Research* 9 (3): 191–201. <https://doi.org/10.1007/s11121-008-0095-8>, 2008.

BARROS, DENISE; ORTEGA, FRANCISCO. "Metilfenidato e aprimoramento cognitivo farmacológico: representações sociais de universitários". *Saúde e Sociedade* 20 (2): 350–62. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902011000200008>, 2011.

BARROS, DENISE; ORTEGA, FRANCISCO. **Aprimoramento cognitivo farmacológico: grupos focais com universitários**. 2009. Dissertação (mestrado).

BIRMAN, J., (1997). *Estilo e modernidade em psicanálise* São Paulo: Editora 34.

BRANT, L.C.; CARVALHO, T.R.F. Methylphenidate: medication as a “gadget” of contemporary life. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.16, n.42, p.623-36, jul./set.2012.

CÂNDIDO et al. "Prevalência e fatores associados ao uso de metilfenidato para neuroaprimoramento farmacológico entre estudantes universitários". *Einstein (São Paulo)* 18 (outubro). https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2020AO4745, 2019b.

CASTANHO, Marisa Irene Siqueira; SCOZ, Beatriz Judith Lima. Subjetividade, ensino e aprendizagem: aproximação histórico-cultural em trabalhos acadêmicos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 3, p. 487-496, jul./set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v18n3/v18n3a09.pdf>. Acesso em 05 fev 2022.

CASTRO, Bruno de. "Aprimoramento cognitivo e a produção de modos de subjetividade: um estudo sobre o uso de substâncias “nootrópicas” a partir de um blog brasileiro". *Saúde e Sociedade* 29 (1): e190936. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902020190936>, 2020.

CARNEIRO, S. G.; PRADO, A. S. T.; DE JESUS ARAUJO, E. C.; MOURA, H. C.; STRAPASSON, J. F.; RABELO, N. F.; RIBEIRO, T. T. O uso não prescrito de metilfenidato entre acadêmicos de Medicina. *Cadernos UniFOA, Volta Redonda*, v. 8, n. 1 (Esp.), p. 53–59, 2013. DOI: 10.47385/cadunifoa.v8.n1 (Esp.).87. Disponível em: <https://unifoa.emnuvens.com.br/cadernos/article/view/87>. Acesso em: 20 nov. 2022.

COCCARO EF, LAWRENCE T, TRESTMAN R, GABRIEL S, KLAR HM, SIEVER LJ. Growth hormone responses to intravenous clonidine challenge correlate with behavioral irritability in psychiatric patients and healthy volunteers. *Psychiatry Res.* 1991 Nov;39(2):129-39. doi: 10.1016/0165-1781(91)90082-z. PMID: 1665918.

COLI ACM; SOUSA E SILVA MP DE; NAKASU MVP. Uso não Prescrito de Metilfenidato entre Estudantes de uma Faculdade de Medicina do Sul de Minas Gerais. *Rev Cienc Saude*, 2016 6(3):121-32. Disponível em: http://186.225.220.186:7474/ojs/index.php/rcsfmit_zero/article/view/582

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS M. A. A *Transformação do Espaço Pedagógico em Espaço Clínico (A Patologização da Educação)*. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/amb_a.php?t=008>. Acesso em: 15 jan 2022.

CONRAD, P. *The Medicalization of Society. On the Transformation of Human Conditions into Treatable Disorders*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007.

Conceição, L. de S., Batista, C. B., Dâmaso, J. G. B., Pereira, B. S., Carniele, R. C., & Pereira, G. dos S. Saúde mental dos estudantes de medicina brasileiros: uma revisão sistemática da literatura. **Avaliação: Revista Da Avaliação Da Educação Superior** (Campinas), 24(3), 785–802, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772019000300012>. Acesso em: 18 jun 2023.

COSTA, Laila Talita Da Conceição, MÉLLO, Lúvia; NOGUEIRA, Priscila Tamar Alves. Desenvolvimento do capitalismo no Brasil e as tendências da política de saúde. *Saúde e Sociedade* [online]. 2018, v. 27, n. 4 [Acessado 5 fev 2022], pp. 1094-1104. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902018180679>>. ISSN 1984-0470. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902018180679>.

CRUZ et al. Uso não-prescrito de metilfenidato entre estudantes de Medicina da Universidade Federal da Bahia. **Gaz. méd. Bahia**, 2011;81:1(Jan-Jun):3-6. Disponível em < <http://www.gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/view/1148>>. Acesso em: 25 jan 2022.

Descombes, V. (1995). *La denrée mentale*. Paris: Minuit.

EHRENBERG, A. *Le sujet cerebral. Esprit* (Paris). 2004, p. 74-85.

FERREIRA, C. de C.; QUEIROZ, C. R. A. dos A. CAFEÍNA: USO COMO ESTIMULANTE POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. **Revista Inova Ciência & Tecnologia** / Innovative Science & Technology Journal, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 16–21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.iftm.edu.br/index.php/inova/article/view/1002>. Acesso em: 23 jun. 2023.

FIOROTTI, K. P. et al.. Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 59, n. 1, p. 17–23, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/SDYGfzZpxLZd6BrwPZBttPj/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 28 jun 2023.

FONSECA, G. S.; BARBATO, P. R. .; BAGATINI, M. D. . Desafios da docência: reflexões a partir da vivência em um curso de graduação em medicina. *Medicina (Ribeirão Preto)*, [S. l.], v. 53, n. 4, p. 479-489, 2020. DOI: 10.11606/issn.2176-7262.v53i4p479-489. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/172412>. Acesso em: 29 jun. 2023.

FRANÇA JUNIOR, R. R. DE .; MAKNAMARA, M.. A LITERATURA SOBRE METODOLOGIAS ATIVAS EM EDUCAÇÃO MÉDICA NO BRASIL: NOTAS PARA UMA REFLEXÃO CRÍTICA. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 17, n. 1, p. e0018214, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/zWkGHv3kYskCpdt4D7SDTR/#>. Acesso em: 30 jun 2023.

FRAZÃO, Paulo; MINAKAWA, Marcia Michie. MEDICALIZAÇÃO, DESMEDICALIZAÇÃO, POLÍTICAS PÚBLICAS E DEMOCRACIA SOB O CAPITALISMO. *Trabalho, Educação e Saúde* [online]. 2018, v. 16, n. 2 [Acessado 1

fevereiro 2022], pp. 407-430. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00123>>. Epub 19 jan 2022. ISSN 1981-7746.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Paz e Terra: São Paulo, 1996.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ. *Escola Nacional de Saúde Pública. RADIS Comunicação em Saúde*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

GUARIDO, R.; VOLTOLINI, R.. O que não tem remédio, remediado está?. *Educação em Revista*, v. 25, n. 1, p. 239–263, abr. 2009.

GASPARIN, João Luiz. Da homogeneidade à diversidade: uma didática alternativa para um novo processo histórico de educação. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n.25, p. 192-199, mar. 2007. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/25/art15_25.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022, p. 192-199.

GONZÁLEZ REY, F. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. **Revista PUC-SP – Psicologia da Educação**, São Paulo. ISSN 21753520, 2001, p. 9-15. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/32815/22634>. Acesso em 05 fev 2022.

GONZÁLEZ REY. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. *Psicologia da Educação*. São Paulo: 13, 2º, 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/32815>. Acesso em: 9 fev 2022.

GOODMAN & GILMAN. *As bases farmacológicas da terapêutica*. 12. ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 2005.

GREELY, H. et al. Towards responsible use of cognitive-enhancing drugs be healthy. *Nature*, London, v. 456, n. 7223. 11 december 2008, p. 702-705. Disponível em: <[Towards responsible use of cognitive-enhancing drugs by the healthy | Nature](#)>. Acesso em: 11 mar 2022

JACQUES, M. G. C. **Um método dialético de análise de conteúdo**. *Revista Psico*, 24 (2), 117-127, 1993.

LE GOFF, J., (1996). *Memória e história* Campinas: Editora da UNICAMP.

LIMA, R. *Somos Todos Desatentos? O TDA/H e a construção de bioidentidades*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2005.

LIMA, M. C. P.; DOMINGUES, M. DE S.; CERQUEIRA, A. T. DE A. R.. Prevalência e fatores de risco para transtornos mentais comuns entre estudantes de medicina. *Revista de Saúde Pública*, v. 40, n. 6, p. 1035–1041, dez. 2006.

LOURENÇO, T. S. et al.. “De todos os lados, eu me sentia culpada”: o sofrimento mental de estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 45, n. 3, p. e177,

2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/nRTqphYSmQHMsPFFbM5Dv9x/?lang=pt#>. Acesso em: 23 jun 2023.

MACEDO, K. D. DA S. et al.. Active learning methodologies: possible paths to innovation in health teaching. *Escola Anna Nery*, v. 22, n. 3, p. e20170435, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/XkVvYBMtbgRMLxQvkQGqQ7z/?lang=pt#>. Acesso em: 30 jun 2023.

MARA, E. *Pacto social e hegemonia burguesa: a reforma do neoliberalismo na era Lula*. 2016. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

Masetto T. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2003.

MAURON, A. Renovating the House of Being. Genomes, Souls, and Selves. **Annals of New York Academy of Sciences**, v. 1001, n 1, october 2006, p. 273-287.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. Para uma crítica da medicalização na educação. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 136-142, jun. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 jan. 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000100014>.

MELO, Josimeire Medeiros Silveira de. **História da Educação no Brasil**. Coord. Cassandra Ribeiro Joye. 2 ed. Fortaleza: UAB/IFCE, 2012.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOTA, Jéssica da Silva; PESSANHA, Fernanda Fraga. Prevalência do uso de metilfenidato por universitários de Campos dos Goytacazes, RJ. *Vértices*, 16, no. 1, 2014.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciênc. saúde coletiva*, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012b.

NOVAS, C.; ROSE, N. Genetic Risk and the Birth of the Somatic Individual. *Economy and Society*, v.29, n.4, p.485-513, 2000.

O sujeito cerebral: identidade e neurociências. Francisco Ortega. *Café Filosófico CPF*, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QB3sfsdtkQ0&t=1039s>. Acesso em: 18 mar 2022.

OLIVEIRA, Romulado Portela de. A constituição de 88 e o direito à educação. Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro – RJ, 2018. Disponível em: <https://www.anped.org.br/news/constituicao-de-1988-e-o-direito-educacao-por-romualdo-portela-de-oliveira-feusp>. Acesso em: 13 jan 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. International Narcotics Control Board. Report International Narcotics Control Board 2008. New York, 2009. ISBN 978-92-1-148232-4.

ORTEGA, F. VIDAL, F. Mapeamento do sujeito cerebral na cultura contemporânea. **R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.257-261, jul.-dez., 2007. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/916>. Acesso em: 15 mar 2022.

PAIVA, Gabriel Pina; GALHEIRA, Antonio Filipe; BORGES, Mateus Tomáz. "Psicoestimulantes na vida acadêmica: efeitos adversos do uso indiscriminado". **ARCHIVES OF HEALTH INVESTIGATION** 8 (11). <https://doi.org/10.21270/archi.v8i11.4660>, 2019.

PEDRO; GONÇALVES. "“Drogas da Inteligência?”: Cartografando as controvérsias do consumo da Ritalina® para o aprimoramento cognitivo". *Psicología, Conocimiento y Sociedad* 8 (2). <https://doi.org/10.26864/PCS.v8.n2.5>, 2018.

Piracetam, Comprimido. Purifarma, São Paulo, 2022. Disponível em: <http://purifarma.com.br/Arquivos/Produto/Piracetam%20base.pdf>. Acesso em: 03 jul de 2023.

POMPERMAYER, Fabiana Cunha Leão; VILAÇA, Murilo Mariano; DIAS, Maria Clara. "Aprimoramento cognitivo: técnicas e controvérsias". *ethic@ - An international Journal for Moral Philosophy* 20 (1): 57–87. <https://doi.org/10.5007/1677-2954.2021.e79915>, 2021.

RESENDE, Rosânia Maria de. A educação profissional em tempos neoliberais e processo de implementação de CEFET/MG Uned Araxá. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006.

ROCHA, Rose de Melo. As razões do produtivismo: fricções intelectuais e capitalismo ficcional1 1 Retoma-se, em versão ampliada e modificada, o conteúdo de X proferida junto ao X, em X. *Galáxia* (São Paulo) [online]. 2018, n. 39 [Acessado 12 Abril 2022], pp. 136-149. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-255434152>>. ISSN 1982-2553. <https://doi.org/10.1590/1982-255434152>.

RODRIGUES, T. DE S.; SILVA, S. M. C. DA .. MEDICALIZAÇÃO, DISLEXIA E TDA/H NO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL. *Psicologia em Estudo*, v. 26, p. e46549, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/TX85FbrsNf3YfBcLgZVRRVD/#>. Acesso em: 13 jan 2023.

RODRIGUES, Thais de Sousa; SILVA, Silvia Maria Cintra da. MEDICALIZAÇÃO, DISLEXIA E TDA/H NO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL. *Psicologia em Estudo* [online]. 2021, v. 26 [Acessado 27 Dezembro 2022], e46549. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.46549>>. Epub 30 Jul 2021. ISSN 1807-0329. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.46549>.

SIELSKI, F. Filhos que usam drogas: guia para os pais. Curitiba: Adrenalina, 1999.

SILVA DE MELO, Thaís; SOUZA, Ronaldo Santhiago Bonfim de. "Pílula do estudo”: uso do metilfenidato para aprimoramento cognitivo entre estudantes de psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)". *REVISTA CIÊNCIAS EM SAÚDE* 10 (2): 56–62. <https://doi.org/10.21876/rcshci.v10i2.887>, 2020.

SILVA, Iolete Ribeiro da. *Psicologia Escolar: possibilidades de atuação profissional*. EDUA, 2017.

SILVA, Jerto Cardoso; SCHAFER, Caroline; BONFIGLIO, Mariane Silveira. A medicalização da infância e o processo psicoterápico: la relación entre la medicalización y el proceso psicoterapéutico. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 39, p. 70-86, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 fev. 2022.

SOUZA, Mériti de. Fios e Furos: a trama da subjetividade e a educação. **Revista Brasileira de Educação**, nº 26, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n26/n26a09>. Acesso em 05 fev 2022.

Substance Abuse and Mental Health Services Administration, Results from the 2010 National Survey on Drug Use and Health: Summary of National Findings, NSDUH Series H-41, HHS Publication No. (SMA) 11-4658. Rockville, MD: Substance Abuse and Mental Health Services Administration, 2011.

TRIGUEIRO, Emilia Suitberta de Oliveira, LEME, Maria Isabel da Silva. "Percepções de estudantes que visam ao ensino superior sobre medicalização e saúde mental". *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde* 7 (2): 205. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rps.v7i2.1857>, 2018.

TRIGUEIRO, Emilia Suitberta de Oliveira. "A medicalização social e o uso do metilfenidato no aprimoramento cognitivo farmacológico". *Research, Society and Development* 9 (7): e379974301. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4301>, 2020.

TRIGUEIRO; LEME. "ESTUDANTES E O DOPING INTELECTUAL: VALE TUDO NA BUSCA DO SUCESSO NO VESTIBULAR?" *Psicologia Escolar e Educacional* 24 (março). <https://doi.org/10.1590/2175-35392020219948>, 2020.

VIDAL, Fernando. O sujeito cerebral: um esboço histórico e conceitual. *Polis e Psique*, vol. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/25883/0#:~:text=O%20sujeito%20cerebral%3A%20um%20esbo%20hist%C3%B3rico%20e%20conceitual,-Fernando%20Vidal&text=Esta%20propriedade%20define%20o%20sujeito,identidade%20pessoal%20do%20s%C3%A9culo%20XVII>. Acesso em: 25 mar 2022.

VIGOTSKI, L. S. (2001b). Pensamento e palavra. In L. S. Vigotski. *A construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1934).

VOLKOW, Nora D., M.D. Prescription drugs: Abuse and Addiction. National Institute on Drugs Abuse, NIDA. NIH Publication Number, 11-4881.

VYGOTSKY, Lev. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

YAEGASHI, Solange Franci Raimundo et al. "APRIMORAMENTO COGNITIVO FARMACOLÓGICO: MOTIVAÇÕES CONTEMPORÂNEAS". *Psicologia em Estudo* 25 (setembro). <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.46319>, 2020.

APÊNDICE 1

Entrevista semiestruturada

1. Você pode compartilhar como é seu dia a dia na universidade?
2. Quantas disciplinas você está fazendo esse semestre? Quantas horas você fica em sala de aula?
3. Como é a relação com os discentes e docentes?
4. Como é a sua relação com seus estudos e seu desempenho acadêmico?

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

O/A Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar como voluntário e livre de qualquer remuneração da pesquisa “Trajetórias turbinadas: análise dos discursos e práticas de aprimoramento cognitivo farmacológico no ensino superior”, cuja pesquisadora responsável é Camila Ribeiro da Silva, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas e sob a orientação do Professor Dr. André Luiz Machado das Neves. O objetivo geral da pesquisa é compreender os significados do aprimoramento cognitivo farmacológico na trajetória de estudantes universitários. Como objetivos específicos: (1) Identificar os efeitos dos valores e práticas sociais para o aprimoramento cognitivo farmacológico; (2) Analisar os aspectos que interferem no modo como os diferentes indivíduos – estudantes de medicina - se apropriam, reelaboram e replicam saberes relativos às substâncias, drogas e medicamentos; (3) Compreender os contextos de uso e circulação das substâncias que prometem aprimoramento cognitivo e/ou uma melhor performance na trajetória do ensino superior.

O/A Sr./Sra. está sendo convidado porque compõe o grupo que desejamos dialogar sobre a sua experiência da trajetória acadêmica atravessada pelo fenômeno do aprimoramento cognitivo farmacológico e seus impactos. O/A Sr./Sra. tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização. Caso aceite participar, sua participação consiste em contribuir com seus relatos por meio de entrevistas individuais realizadas na Universidade Federal do Amazonas – Campus Manaus, localizado R. Afonso Pena, 1053 - Centro, Manaus - AM, 69020-160, mediante o cumprimento de todas as medidas sanitárias aplicáveis, conforme preconizados pelos órgãos de vigilância sanitária, em combate a COVID 19, como uso da máscara, higienização de mãos com álcool gel e distanciamento. As entrevistas terão duração mínima de cinquenta minutos e máxima livre. Por isso, solicito consentimento para registro do som das entrevistas. Será assegurado a confidencialidade, a privacidade e a proteção da gravação dos áudios. Apenas o pesquisador responsável e o orientador da pesquisa terão acesso aos áudios das entrevistas, garantindo a não utilização de informações que possam prejudicar pessoas ou grupos sociais, de acordo com o item

II.2.I., Res. 466/2012/CNS e a Constituição Federal Brasileira de 1988, art. 5º, incisos V, X, XXVIII.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos. Caso ocorra constrangimento ou desconforto em decorrência das temáticas abordadas durante a entrevista, a pesquisadora adotará medidas de precaução e proteção. Essas medidas e providências cabíveis serão discutidas e acordadas com cada participante e podem incluir entre outras: a) escuta de acolhimento, realizada pela pesquisadora, suspensão da entrevista; e/ou reagendamento da entrevista. E se necessário você poderá ser encaminhado para o serviço de psicologia, disponível no próprio Ambulatório de Diversidade Sexual e Gênero.

Os benefícios da pesquisa serão decorrentes das informações empíricas produzidas neste projeto científico colaborativo que podem promover avanços na compreensão das vivências da parentalidade de homens trans. Será possível compreender como o campo da Psicologia pode contribuir com as demandas jurídicas e sociais na diversidade de gênero, sexo e família.

Garantimos que, caso necessário, você (e seu acompanhante, se couber), será ressarcido das despesas oriundas de sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente por meio de débito em conta (incluindo transporte, alimentação e quaisquer despesas oriundas da participação no estudo).

Também estão assegurados ao Sr. o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Asseguramos ao Sr. o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

Se julgar necessário, o Sr. dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-lo na tomada de decisão livre e esclarecida. Garantimos ao Sr. a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. O Sr. pode entrar em contato com a pesquisadora responsável, Camila Ribeiro da Silva pelo e-mail camilaribeiro301@gmail.com ou telefone (92) 99306-4681 ou com seu orientador Prof Dr. Luiz André Machadao das Neves almachado@uea.edu.br a qualquer tempo, ou ainda no endereço Av. Rodrigo Otávio, 6200 – Setor Sul – Campus Universitário – Bloco X, Bairro: Coroadó CEP 69080-900 Manaus – AM, telefone geral: (92) 3305-1181. O Sr. também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Este documento será emitido em duas vias, que serão todas rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas. O Sr receberá uma via deste documento impresso devidamente assinado para tê-lo em sua posse, antes de iniciarmos a entrevista.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO:

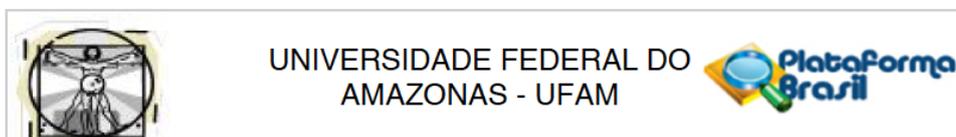
Eu, _____ fui informado dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Os pesquisadores certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Manaus, ____ de _____ de _____.

Pesquisador

Participante

Anexo 1 – Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Os significados das trajetórias de escolarização de jovens estudantes amazônicas

Pesquisador: Iolete Ribeiro da Silva

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 15366619.1.1001.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.082.840

Apresentação do Projeto:

O Projeto de Cooperação Acadêmica entre UFAM-UnB-UNIR tem o objetivo de contribuir para o fortalecimento dos programas de pós-graduação na região amazônica, PPGPSI/UFAM e MAPSI/UNIR e a consolidação da colaboração científica entre as equipes, tendo por referência os estudos voltados aos processos de desenvolvimento humano e educação em contextos socioculturais específicos, na região amazônica brasileira. A interação científico-acadêmica com a UnB será uma ação importante para a construção de uma rede de cooperação entre essas universidades, para a criação de novas linhas de pesquisa e para o processo de internacionalização. A rede de cooperação constituída na área de Psicologia a partir da UFAM, UNIR e UnB, promoverá intercâmbio de ensino e pesquisa e a mobilidade de docentes e discentes, a fim de aprofundar os estudos de forma cooperativa e contribuir para ampliar a formação de recursos humanos e produção científico-acadêmica de alto nível que tem como foco a realidade regional do Norte do Brasil. A cooperação entre os três programas de pós-graduação em psicologia, fortalecerá a articulação existente entre pesquisadores que atuam na Amazônia com povos amazônicos, com a diversidade étnico-racial e suas implicações, a fim de dar visibilidade qualificada desta realidade em nível nacional e internacional. O PPGPSI/UFAM, atualmente é constituído por duas linhas de pesquisa e almeja com este PROCAD a ampliação da pesquisa e da produção intelectual a fim de melhorar seu desempenho na avaliação da CAPES, criar um periódico e credenciar o doutorado em psicologia a partir do desenvolvimento de sua potencialidade

Endereço: Rua Teresina, 495

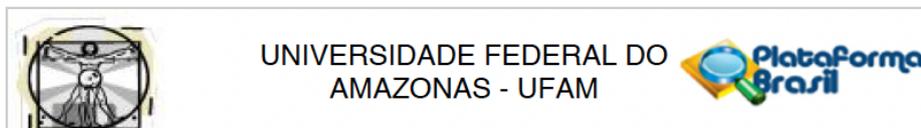
Bairro: Adrianópolis

UF: AM **Município:** MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

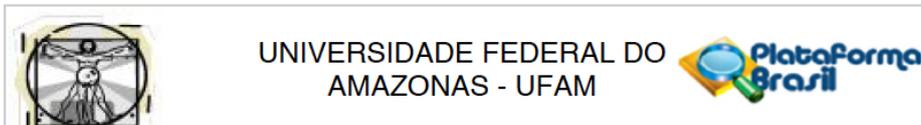
E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.082.840

acadêmica na temática assumida neste projeto. Considerando que a psicologia enquanto campo de conhecimento pode produzir subsídios para a construção de políticas educacionais inclusivas que considerem as dimensões socioculturais e o reconhecimento das culturas e formas de viver em comunidades tradicionais da Região Amazônica/Norte apresenta-se esta proposta de trabalho. O objetivo geral desta colaboração é analisar como as/os estudantes amazônidas significam a sua trajetória de escolarização e vivências no ensino superior, sua participação e protagonismo e o quanto a universidade responde as suas demandas, em narrativas e argumentações, a partir de sua inscrição sócio institucional. Os objetivos específicos são: identificar espaços de participação das/dos estudantes identificando elementos que promovem ou impedem a permanência na universidade; entender de que forma os estudantes significam sua trajetória de escolarização; identificar nas narrativas dos estudantes se e como os professores contribuíram para a promoção da inclusão escolar; analisar as mudanças (lineares) e transformações (descontínuas) nas vivências escolares dos estudantes a partir de estudo longitudinal desenvolvido em duas etapas com intervalo de um ano. O campo de pesquisa da Equipe Proponente abrangerá três campi da Universidade Federal do Amazonas: (1) Campus Manaus localizado na capital do estado; (2) Campus Humaitá: no Instituto de Educação, Agricultura e Meio Ambiente que fica na região sul do estado do Amazonas; e (3) Campus Benjamin Constant: no Instituto Natureza e Cultura de Benjamin Constant situado na região do Alto Solimões na tríplice fronteira. O campo de pesquisa da equipe Associada 2 abrangerá três campi da Universidade Federal de Rondônia, a saber: a) cursos do campus de Porto Velho; b) curso de Licenciatura em Educação Intercultural do campus de Ji-Paraná; c) Licenciatura em Educação do Campo Campus de Rolim de Moura. Serão participantes da pesquisa estudantes da UFAM e UNIR. Serão utilizados três recortes para a análise dos significados atribuídos às trajetórias de escolarização e das condições de acesso: (1) políticas educacionais; (2) comunidade de pertencimento; (3) gênero. Será realizada uma pesquisa longitudinal em duas etapas com um intervalo de um ano. Para a construção de dados serão realizados os seguintes procedimentos: entrevista em grupo focal; entrevista individual - narrativa aberta, entrevista semiestruturada, entrevista mediada por imagens ou objetos individuais e entrevistas móveis. O mesmo grupo de estudantes será entrevistado na primeira e na segunda etapa do estudo a fim de permitir a identificação de mudanças lineares na transição e algumas mudanças descontínuas. O uso de diferentes ferramentas de análise permitirá: descrever e definir o contexto de significação em diferentes níveis; avançar na compreensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem atuantes na interpretação dos estudantes individualmente e em grupo. A análise dos dados será feita a partir de diferentes métodos: interpretativo, dialógico-

Endereço: Rua Teresina, 495
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-1181 **E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.082.840

temático, análise do discurso e microgenético, visando o aprofundamento da compreensão dos processos de desenvolvimento em narrativas e argumentações dos estudantes. Na primeira etapa serão analisadas as informações empíricas obtidas nos grupos focais e nas entrevistas individuais em cada localidade (estudo 1), depois será elaborada análise do conjunto de dados (estudo 2). Na segunda etapa, repetir-se-á os mesmos procedimentos de análise realizados na primeira etapa (estudos 3 e 4), em seguida, haverá o desenvolvimento da análise longitudinal com identificação no conjunto (estudo 5). Busca-se avançar na compreensão das possíveis descontinuidades e rupturas que marcam a transição para a vida adulta, o que implica compreender os jovens estudantes como pertencentes a um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos em um momento de desenvolvimento na vida, e também como atuantes em um conjunto social com atributos e práticas culturais situados que enfrenta mudanças diversificadas, diferenciadas no contexto atual e constituído por gerações anteriores que ora produzem as condições de socialização e desenvolvimento mediadas pelas políticas públicas e por culturas locais, considerando-se a suposição básica de que mudando-se os instrumentos mediadores nas condições de socialização, como as atividades são produzidas e resolvidas, transformam-se os processos de consciência e as condições de desenvolvimento em que as tomadas de decisão dos jovens são forjadas.

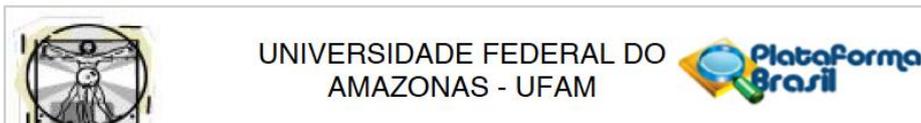
Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: O objetivo geral deste projeto é analisar como as/os estudantes amazônidas significam a sua trajetória de escolarização e vivências no ensino superior, sua participação e protagonismo e o quanto a universidade responde as suas demandas, em narrativas e argumentações, a partir de sua inscrição sócio institucional. **Objetivo Secundário:** Os objetivos específicos são:- identificar espaços de participação das/dos estudantes identificando elementos que promovem ou impedem a permanência na universidade;- entender de que forma os estudantes significam sua trajetória de escolarização;- identificar nas narrativas das/os estudantes se e como as/os professoras/es contribuíram para a promoção da inclusão escolar;- analisar as mudanças (lineares) e transformações (descontínuas) nas vivências escolares dos estudantes a partir de estudo longitudinal desenvolvido em duas etapas com intervalo de um ano; analisar as inter-relações da produção de si com a continuidade da educação e do trabalho mediados por novas tecnologias durante a pandemia do COVID-19.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: As narrativas de transição que envolvem relatos de experiências pessoais, podem implicar em dificuldades, mas a princípio, nossa experiência e de colegas no mundo inteiro indica que não

Endereço: Rua Teresina, 495	
Bairro: Adrianópolis	CEP: 69.057-070
UF: AM	Município: MANAUS
Telefone: (92)3305-1181	E-mail: cep.ufam@gmail.com

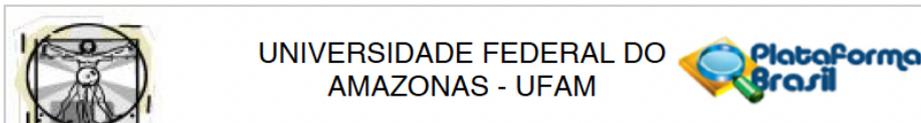


Continuação do Parecer: 4.082.840

há maiores riscos aos participantes. No entanto, tomaremos o cuidado de finalizar o estudo com participantes que demonstrem que estão tendo dificuldades em contar suas experiências e também informaremos aos participantes que poderão desistir da participação em qualquer momento do estudo. Também tomaremos cuidado quanto ao processo de transcrição, visto que alguns relatos podem expor eventos traumáticos, vamos recorrer a transcritores com treinamento específico em psicologia e áreas de saúde e nos assegurar que o relato foi apagado no computador do transcritor e as cópias sejam guardadas em segurança. O projeto será desenvolvido com base nas Diretrizes e Normas Reguladoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, do Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12, e atenderá as exigências éticas e científicas fundamentais: Comitê de Ética e Pesquisa, TCLE, confidencialidade e a privacidade dos dados. Para tanto, caso ocorra constrangimento ou desconforto durante o desenvolvimento da pesquisa aos participantes, as/os pesquisadoras/es, enquanto psicólogas/os, suspenderão a aplicação dos instrumentos de coleta de dados conforme explicitado acima e realizarão acolhimento e se necessário encaminhamento para o setor psicossocial da universidade, visando o bem-estar dos mesmos. Cumpre esclarecer que a pesquisa, através da instituição que a acolhe, garantirá indenização aos participantes (cobertura material), em reparação a dano imediato ou tardio, que comprometa o indivíduo ou a coletividade, sendo o dano de dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano e jamais será exigida dos participantes, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. Os valores respectivos aos danos serão estimados pela instituição proponente quando os mesmos ocorrerem, uma vez que não há valores pré-estabelecidos de acordo com os riscos, uma vez que não há previsibilidade dos mesmos em seus graus, níveis e intensidades na Resolução em tela e nem na Res. 510/2016, que trata da normatização da pesquisa em ciências humanas e sociais, uma vez que não há definição da gradação do risco (mínimo, baixo, moderado ou elevado).

Benefícios: As informações empíricas produzidas neste projeto científico colaborativo promoverão avanços na compreensão sobre como os estudantes amazônidas significam a sua trajetória de escolarização e vivências no ensino superior e suas transições, em relação também à sua participação e protagonismo. Será possível compreender o quanto a universidade responde as demandas desses jovens e produzir conhecimentos que contribuam para a gestão do ensino aprendizagem na educação superior. No âmbito das instituições, espera-se que os resultados desse estudo possam ser utilizados na organização de protocolos de acolhimento, atendimento e acompanhamento de estudantes com diferentes bases culturais durante sua estadia na universidade e, por exemplo, fomentando o protagonismo estudantil, com a valorização das

Endereço: Rua Teresina, 495
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-1181 **E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.082.840

riquezas regionais e da utilização sustentável dos recursos naturais, para desenvolvimento socioeconômico e cultural comprometido com as urgências da sociedade local ao fomentar uma formação científica sensível às demandas regionais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não se aplica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto, anuências, instrumentos e análise de dados da pesquisa, abordagem e recrutamento dos sujeitos participantes, critérios de inclusão e exclusão, riscos e benefícios, TCLE, fundamentações teóricas e metodológicas estão todos adequados e em conformidade com as resoluções 466/12 e 510/16.

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de um projeto já apresentado e aprovado por este CEP. Foi incluída uma emenda que detalha todas as inclusões e alterações, devidamente pontuadas e justificadas. Por atender às exigências das resoluções 466/12 e 510/16, a emenda apresentada está aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1570125_E1.pdf	03/06/2020 00:10:21		Aceito
Outros	Emenda_com_alteracoes_e_justificativas.pdf	02/06/2020 23:58:57	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Novo_para_Professores.pdf	02/06/2020 23:56:24	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_novo_para_estudantes.pdf	02/06/2020 23:55:53	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
Outros	Carta_Resposta.pdf	21/06/2019 03:01:23	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito

Endereço: Rua Teresina, 495

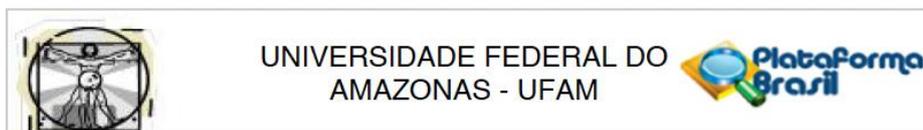
Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM **Município:** MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.082.840

Folha de Rosto	Folha_de_rosto_alterada.pdf	21/06/2019 02:48:26	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudanes_PROCAD.pdf	07/06/2019 17:26:27	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Roteiro_Basico_do_Projeto_PROCAD.pdf	07/06/2019 14:39:09	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
Outros	TERMOS_DE_ANUENCIA_E_CONCORDANCIA_INSTITUCIONAL.pdf	07/06/2019 14:30:41	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 10 de Junho de 2020

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Teresina, 495
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-1181 **E-mail:** cep.ufam@gmail.com